



**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DO
AMBIENTE**

CAMILA SANTOS DE SOUSA

***LUDUS NATURAE* - CORPORALIDADE E RE-
SIGNIFICAÇÃO ECOLÓGICA: AVENTURA
LÚDICA NO SURFE EM FLORIANÓPOLIS**

**PALMAS – TO
2012**

CAMILA SANTOS DE SOUSA

***LUDUS NATURAE* - CORPORALIDADE E RE-
SIGNIFICAÇÃO ECOLÓGICA: AVENTURA
LÚDICA NO SURFE EM FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências do Ambiente da Fundação Universidade Federal do Tocantins - UFT, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

**Orientador: Prof. Dr. Odair Giralдин
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Sônia Weidner Maluf**

**PALMAS – TO
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins
Campus Universitário de Palmas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins
Campus Universitário de Palmas

S725l Sousa, Camila Santos de
 Ludus Naturae: Coporalidade e re-significação ecológica na
 cosmologia aventura / Camila Santos de Sousa - Palmas, 2012.
 105 f.

 Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Tocantins
 Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, 2012.
 Linha de pesquisa: Cultura e Meio ambiente.
 Orientador: Prof. Dr. Odair Giralдин.
 Co-orientador: Prof^a. Dra. Sônia Weidner Maluf.

 1. Corpo. 2. Natureza. 3. Lúdico. 4. Aventura
 I. Giralдин, Odair. II. Título.

Bibliotecário: Emanuele Santos
CRB-2 / 1309

CDD 304.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

CAMILA SANTOS DE SOUSA

LUDUS NATURAE - CORPORALIDADE E RE-SIGNIFICAÇÃO ECOLÓGICA: AVENTURA LÚDICA NO SURFE EM FLORIANÓPOLIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências do Ambiente da Fundação Universidade Federal do Tocantins - UFT, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

A comissão julgadora dos trabalhos de defesa da dissertação de Mestrado em sessão pública realizada em ____ / ____ / ____ _ considerou a candidata:

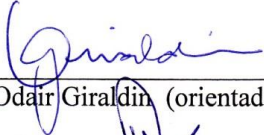
() Aprovada

() Reprovada

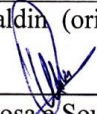
COMISSÃO EXAMINADORA

Palmas – TO, 28 de maio de 2012


Banca:



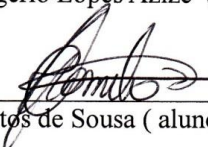
Prof. Dr. Odair Giraldiv (orientador)



Prof. Dr. Lucas Barbosa e Souza (UFT - examinador do programa)



Prof. Dr. Rogério Lopes Azize (UFF- examinador externo)



Camila Santos de Sousa (aluno)

Palmas, Maio de 2012

Dedico à Deus em todas as suas expressões.

AGRADECIMENTOS

À vida pulsante e radiosa com a qual sou brindada todos os dias, do nascer ao pôr do sol, renovando a minha capacidade de assistir à grandiosidade universal contida em todo e cada ser, com sua beleza infinita e sua sensibilidade criadora.

Aos mestres iniciais e eternos de minha vida, Antônio e Sônia, meus pais que com incansável paciência, sabedoria e dedicação, demonstraram a mim com seus exemplos de luta e determinação a potência revolucionária do conhecimento. Histórias de vida que me inspiraram desde muito cedo ao gosto pela escrita, poetas de Deus. Ao meu pai que com suas palavras serenas, e seu esforço transformador, provou-me que não há tempo, decepções ou limitações que parem um coração apaixonado, em busca de sonhos, em direção à liberdade. Com toda a sua sábia simplicidade, o primeiro antropólogo de minha vida, o mais tolerante e entusiasmado observador da cultura, da vivência e da alma de um povo. À minha mãe, com a qual cotidianamente aprendo o ofício da gratidão, da dedicação e do cuidado pelo mundo ao meu redor, do mais mísero ao mais distante existir. Com seus deliciosos e artísticos dons, alimentando ao meu corpo e ao meu espírito, de um amor completamente renegado e por seus dedicados anos ao ensino, ensinando-me o maior aprendizado de todos, o amor.

Aos meus professores por seu valoroso trabalho. Ao meu orientador, professor Odair Giralдин, que aceitou uma empreitada mesmo distante do seu domínio, possibilitando-me a experiência transformadora da “travessia do rio”. À minha co-orientadora e “fada-madrinha”, Sônia Maluf que me acolheu em um momento crucial da minha vida pessoal e acadêmica, apresentando-me textos maravilhosos, discussões empolgantes e uma maneira louvável de ser professora, abarcando diversidades e emoções “por uma antropologia do sujeito”.

Aos entrevistados e colaboradores da pesquisa, que se tornaram grandes amigos e que me presentearam com a riqueza das suas experiências e suas sapiências. Que se dispuseram a falar e a abrir suas intimidades, casas e doaram o seu tempo com paciência e entusiasmo por essa pesquisa.

Aos meus amigos e família, que mesmo distantes, se tornaram o porto mais seguro e feliz que se pode ter, tornando possível e real as minhas experiências, fortalecendo minha capacidade de realização. Em todo e qualquer momento dispostos a auxiliar, sem medida. André, Adriana, Sheila, James, Duda, Lousi, Marcelinha, Sílvia, Apoena, Poly, Joana, Andreza, Vanessa, Tia Helena, Alex, Vivian, Tia Crélia. À minha irmã, com saudade das nossas descobertas e alegrias de criança e aos anjinhos Duda, Bebel, Liby e João.

Aos meus amigos, irmãos, companheiros de jornada, que me sustentaram durante todo o caminho, a família nova que me recebeu carinhosamente no meu campo, Kinza, Rodrigo, Piricas, Maria, Márcio, Artur Ryana, Caio, Caito, Igor, Budhil, Nadi, Thierry, Ismael, Dani, Tiago, Sami, Bruninha, Raoni...

Ao João Armondi, doce e sensível companheiro que por inúmeras vezes salvou este projeto, ora com caronas, ora cozinhando, ora cuidando das minhas emoções, ora incentivando-me e encarando comigo os desafios das ondas, mas principalmente refletindo com olhos brilhantes o encanto, os sons e a beleza do mundo. Uma parceria intensa, presente, eterna e longínqua, em que a alma aproveita pra ser a matéria e viver.

Aos responsáveis pela minha imersão a um mundo novo, mestres reais, ideais e mais que revolucionários companheiros, Carlos Eduardo, Adriano e Elson. Gratidão pela descoberta do estado original.

Aos meus colegas, firmes e fortes, exemplos e amigos, Rita de Cássia, Socorro, Simone, Rogério e Deusiano.

Ao Prof. Lucas por tanto profissionalismo, tranquilidade e pelas riquíssimas aulas de Fenomenologia da Percepção.

Ao amigos novos da UFSC, que compartilharam suas preciosíssimas experiências antropológicas, Diogo Oliveira, Maycon Melo, Tatyana Dassi, Prof. Rafael Devos, Fábio Fernandes, Bianca Oliveira e ao povo indígena.

Aos funcionários e coordenadora do PPGCIAMB pelo imenso auxílio, aos demais professores do programa que também me foram muito caros, aos colegas de aula, pelas angústias e aprendizado compartilhados e ao CNPQ, pela bolsa de estudos que possibilitou a execução desta pesquisa.

Prazer
da pura percepção
os sentidos
sejam a crítica
da razão

(Paulo Leminski)

RESUMO

Como o corpo humano é concebido, percebido e publicado em suas relações com a natureza, por meio das práticas corporais de aventura em meios naturais, no caso específico, os praticantes do surfe e suas correlações com a visão de mundo e demais aspectos da cultura são os questionamentos centrais deste estudo, analisando a percepção e o ponto de vista a partir da perspectiva ético-existencial e do discurso oral e performático. A ludicidade na construção social desta atividade contemporânea, os elementos da subjetividade e da estrutura de significados resumem esta possível tentativa de (re)aproximação com a natureza. Diante do pressuposto de que o desenvolvimento tecnológico e a estrutura da vida urbana criaram um distanciamento entre homem e natureza e com isso uma possível desconexão entre o homem e sua natureza interna, os praticantes de tais atividades utilizam como elemento discursivo da simbologia moderna o cuidado de si e do outro por meio da integração total com meio ambiente. O *homo ludens* pode estar reorientando, através da emoção e da crença no mundo natural, ações com a natureza e o socioambiente no qual está inserido. O local escolhido para a realização desta pesquisa etnográfica foi o município de Florianópolis, Santa Catarina, mais especificamente a sua região insular, devido suas características naturais e a grande quantidade de indivíduos que se dedicam à prática do surfe.

Palavras-chave: Corpo; Natureza; Lúdico; Surfe; Aventura

ABSTRACT

The way the human body is conceived, understood and published in their relations with nature, through bodily practices of adventure in the natural environment, in this specific case, the surfers and the correlations with their understanding of the world around them and other aspects of the culture are the central questions of this study, also analyzing the perception and the view from the ethical and existential perspective of the oral and performative discourse. The playfulness in the social construction of this contemporary activity, the elements of subjectivity and the structure of significance summarize this possible attempt to (re) approach to nature. Assuming that the technological development and urban life routine have created a gap between man and nature and thus a possible disconnection between the man and his inner nature, the practitioners of such activities use as a discursive element the modern symbology of self-care and caring about the others through the full integration with the environment. The *homo ludens* may be redirecting, through emotion and belief in the natural world, actions with the nature and the social environment in which they are inserted. The site chosen for this ethnographic research was Florianópolis city, in Santa Catarina State, more specifically its insular region, because it's natural characteristics and the large number of individuals who are dedicated to surfing there.

Keywords: Body; Nature; Lúdico; Surf; Adventure

GLOSSÁRIO

Aerial - Manobra no qual o surfista voa com a prancha.

Batida - Manobra em que o surfista acerta a crista da onda com a parte de baixo da prancha.

Caldo - Cair na hora de manobrar ou descer a onda.

Cavada - Fazer uma curva na base da onda em direção à crista. Mesmo que bottom turn.

Crowd - Quando há uma grande concentração de surfista pegando onda.

Direita - Onda que, vista da praia, parte para o lado esquerdo. A designação é dada pela perspectiva do praticante, ou seja, do mar para terra.

Drop - Ato de descer a onda. Antecede o Bottom-turn.

Esquerda - Onda que, vista da praia, parte para o lado direito.

Flat - Mar liso, sem ondas, ou prancha com fundo sem curvas, côncavas.

Funboard - Pranchas que derivam do longboard, mas são menores, em torno de 7 pés. É uma boa opção para iniciantes ou para dias de crowd, porque você consegue remar e entrar na onda antes de quem está usando uma prancha pequena.

Haole - Surfista que não é do local onde está surfando.

Inside - Zona mais perto da praia, fica a meio caminho entre a areia e o outside.

John - Roupas de neoprene (borracha) para proteger do frio. Pode ser Long (veste pernas e braços inteiros) ou Short (tipo camiseta e bermuda).

Line Up - Alinhamento dos surfistas no outside (linha de formação das ondas).

Localismo - Responsável por muitas brigas e confusões dentro da água nas disputas pelas ondas. Muitos dos surfistas locais querem ter preferência nas ondas.

Longboard - São pranchas grandes a partir de 9". Até a década de 70, eram as mais usadas. Atualmente, são as preferidas dos surfistas das antigas, iniciantes e surfistas que curtem um surf mais clássico.

Maral - Vento que vem do mar para terra. Este vento atrapalha as ondas.

Outside - Zona do mar por trás da rebentação, zona de segurança.

Pés - É usado para medir o comprimento das pranchas e das ondas. Equivale a 30,48 cm.

Pico - Mesmo que Point, local.

Polegada - Medida também utilizada na medição de uma prancha e equivale a 2,54 cm.

Pranchinha - Mesmo que Shortboard. São as preferidas dos surfistas tops e de amadores que gostam de velocidade e muitas manobras. Mais usadas para ondas pequenas.

Rabear - Quando um surfista atrapalha o outro que já está na onda.

Sessão - Parte de uma onda. Cada sessão propicia manobras diferentes.

Swell - Ondulação. Chegada de ondulação à costa.

Terral - Quando venta da praia para o mar. Excelente vento, pois deixa as ondas mais alinhadas e lisas.

Toco - Prancha muito velha.

Trip - Viagem de surf geralmente para um lugar com altas ondas.

Tubo - Manobra em que o surfista fica dentro da onda.

Vaca - Mesmo que Wipe Out. Tombo, queda.

Vala - Onda pequena, mas que dá condições de surf.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A NASCENTE DO RIO	15
-------------------------	----

CAPÍTULO 1

“A MONTANHA TE DERRUBOU” OU A AVENTURA ANTROPOLÓGICA...21

1.1 A moldura e a tela	24
1.2 Em primeiro plano	29
1.3 Os personagens.....	32
1.4 O encontro com a obra	35
1.5 De “Capital da Aventura” a “Ilha da Magia”	38
1.6 A trilha até a praia	45

CAPÍTULO 2

DESAGUANDO EM ÁGUAS PROFUNDAS..... 52

2.1 Familiar x Exótico - Do cerrado ao litoral.....	52
2.2 Sobre cascas, reis, ondas e películas.....	55
2.3 Ecologia x “Ecologismos”	59
2.4 - A origem das “coisas”	65

CAPÍTULO 3

OUTSIDERS E O LUDUS DA NATUREZA – LIMITES E EXPRESSIVIDADES DO CORPO.....70

3.1 “Corpo-oralidade”	70
3.2 “Os reis do <i>pico</i> e a <i>rainha</i> das ondas”: O <i>ethos</i> surfista	73
3.3 Out(in)siders: “Surfando a onda interior”	76
3.4 A “tribo” do mar - Cosmologia e noção de pessoa	80
3.5 “O mar tá reagindo”: A agência do mar e o encantamento do mundo	83

3.6 Brinquedos da natureza	SUMÁRIO	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS		96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		98
REFERÊNCIAS DAS NOTAS		105

INTRODUÇÃO

A NASCENTE DO RIO

Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para a terra Zande, mas os Azande tinham; de forma que tive de me deixar guiar por eles. (Evans-Pritchard – 1978: 300)*

A declaração acima em muito se assemelha aos caminhos por mim percorridos durante a pesquisa. A célebre obra *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*, escrita por Edward Evans-Pritchard e publicada em 1937, está entre os mais importantes relatos da antropologia e se tornou referência para as discussões que envolvem pesquisador, nativos e as relações estabelecidas entre estes, fazendo uma reflexão contundente sobre a pesquisa etnográfica.¹ A alusão a esta obra em vários aspectos se relaciona com os rumos e transformações deste estudo, além de servir como metáfora ideal para o local da pesquisa, a Ilha da magia cercada de fascinantes histórias sobre bruxas, lobisomens e feiticeiras².

A realização de uma dupla etnografia, como convencionei chamar, inspirada inicialmente pelas ideias de Clifford Geertz sobre a prática etnográfica como método de interpretação da cultura a partir do conceito de sistema semiótico - —teias de significados tecida pelo homem, portanto, —uma ciência interpretativa à procura de tais significados -, ocorreu primeiro com a observação das práticas etnográficas e em seguida realizou-se pela vivência das práticas do corpo em aventura na Natureza³.

* Referência ao trabalho de Flávia Motta 2002 que também inicia com esta frase.

¹ A temática é apresentada por Emerson Giumbelli, em artigo *Os azande e nós: experimento de antropologia simétrica*, 2006, em que ele aborda as questões “nós e eles” incitadas pelo texto de Evans-Pritchard e publicado na revista Horizontes Antropológicos. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200011

² Como narra Sônia Maluf em seu livro **“Encontros noturnos – Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição”**, 1993.

³ Utilizo o termo Natureza em maiúsculo para designar a função proposta no trabalho de entender Natureza como uma categoria êmica, tal qual os seus nativos a concebem, na tentativa de desnaturalizar e diferenciar os seus demais usos.

Para entender a natureza da aventura que eu estava buscando, precisei descobrir a sua origem em minhas próprias indagações. De onde havia partido o meu interesse pelas práticas de aventura e que aventura era essa da qual falava? Mesmo que um retorno às origens concorra ao risco de uma divagação interminável, percebi que de fato este era um dado extremamente importante para o trabalho.

Estes questionamentos, no entanto, não partiam apenas de uma curiosidade momentânea. De fato sempre me considerei uma adepta das —Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PA's)⁴, termo que substitui aqui outros mais conhecidos como, esportes de aventura, radicais, extremos, Atividades Físicas de Aventura na Natureza, entre outros. Individualmente ou em grupo, estava sempre em busca destes momentos de aventura e destas experiências possibilitadas por situações de contato com ambientes naturais, cachoeiras, serras, rios, mar, pedalando, andando, saltando, mergulhando, ou mesmo flutuando em alguns casos.

Algumas poucas experiências com povos indígenas da região central do rio Tocantins — *Xerente* - e em ocasiões festivas com as demais etnias presentes no Estado, também convergiram neste sentido. O evento *Jogos dos Povos Indígenas*, realizado em Palmas no ano de 2003, que reuniu diversas etnias do Brasil e algumas de outros países a fim de disputarem algumas modalidades esportivas tradicionalmente praticadas pelos povos e de estimularem o aspecto lúdico de tais práticas, é possivelmente o marco inicial deste trabalho. Mesmo com algumas reflexões posteriores a respeito do real simbolismo que algumas destas práticas possuem, a associação com práticas que surgem no âmbito da sociedade ocidental e das possíveis outras significações que estas poderiam ter começaram a germinar.

Somado a isto, a minha graduação no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Tocantins, apresentou-me, ainda que introdutoriamente nos primeiros anos do curso, à teoria antropológica. A ciência da comunicação, ciência social aplicada, colocou a minha disposição importantes ferramentas com as quais tive oportunidades de acessar meios e práticas que exprimem a riqueza das diferentes visões e relações humanas, como exemplo, o

⁴ O uso do termo PA possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas, ao invés da compreensão apenas biologicista em que se encerra as outras expressões, como bem propuseram seus autores busca aproximar uma situação que está mais relacionada ao lazer e a um estilo de vida. INÁCIO *et. al.* (2005, p. 69)

contato com importantes comunidades tradicionais, indígenas, remanescentes quilombolas, populações ribeirinhas, entre outras. Principalmente no desenvolvimento do trabalho com o audiovisual, na produção de filmes documentários e materiais de natureza diversa com finalidades de divulgação e promoção da riqueza cultural recentemente —descobertall.

Por se tratar de um Estado constituído recentemente, do ponto de vista de sua história política, as possibilidades nos campos de investigação são inúmeras e, durante minhas experiências profissionais, participei de inventários que registraram e catalogaram importantes espaços naturais e culturais. Posteriormente, com o trabalho voltado para pesquisas de opinião realizadas com grupos focais em diferentes locais, pude verificar importantes questões da realidade social da heterogênea população que vive na região.

Como trabalho de conclusão de curso, engrandecido significativamente por estas experiências, realizei um estudo intitulado: *Mídia e multiculturalismo – A linguagem da TV em Palmas*, que levantou dados iniciais sobre a diversificada formação populacional da capital do Estado e um possível panorama da identidade cultural que ali se moldava. Para o mesmo fim, porém na forma de documentário, como projeto experimental acompanhei duas diferentes expedições ecoturísticas destinadas à prática de esportes de aventura, ao Parque Estadual do Jalapão, com o intuito de apreender e correlacionar as visões dos praticantes às dos moradores daquela singular região.

Todas estas situações culminaram em um grande anseio em realizar um estudo aprofundado e bem orientado, que pudesse trazer um sentido maior a estas vivências, bem como a percepção da relevância da investigação e da formação teórica para um melhor entendimento e justo aproveitamento destas valorosas experiências. A relação que estabeleci entre a experiência corporal, possibilitada pelo contato em ambientes naturais, com a cultura e o possível entendimento de um povo, surgiu de uma pungente questão evidenciada nas aulas da disciplina ministrada no mestrado em Ciências do Ambiente - —Natureza e diversidade culturalll. Percebi que havia indícios de uma construção de uma noção de Natureza, percebida em mim e em grupos de pessoas com as quais me relacionava, que estava diretamente relacionada com algumas destas experiências corpóreas que vivenciara por meio da aventura.

Intrigada com os textos fantásticos produzidos por Eduardo de Viveiros de Castro sobre –a construção da pessoa nas sociedades indígenas e o –perspectivismo ameríndio e o –multinaturalismo e, já totalmente transformada pela introdução da leitura de clássicas obras da Antropologia, além de uma ousadia que a interdisciplinaridade permite, procurei responder à seguinte questão: Seria possível afirmar a existência de um perspectivismo dentro de sociedades complexas? Mesmo alertada pela própria obra quanto às contrariedades de uma transposição teórica para sociedades que não fossem aquelas já estudadas e sabendo que isto tem se tornado uma prática comum nos estudos antropológicos, ainda assim, pus-me ao desafio de explicar o porquê da analogia que me ocorrera.

A isto também se aplica uma tática de adequação ao método interdisciplinar em que se insere este trabalho, por sua ainda recente estruturação do ponto de vista da história da ciência. A –multivisão dos que atuam nos cursos e instituições direcionadas à pesquisa inter/transdisciplinar parece ainda discordar em pontos fundamentais, deixando a cargo das experiências particulares entre pesquisador, orientadores e linhas de pesquisa a decisão sobre a utilização de diversos conceitos e/ou metodologias de investigação que tragam ao trabalho o caráter que se pretende.

Por outro lado, trata-se de um processo de formação individual de riquíssimo peso, semelhante mesmo ao processo de conhecer outras culturas e povos que ocorre na Antropologia. A abertura do horizonte de visão em busca de outros campos disciplinares prepara o pesquisador para –atravessar a margem do rio e olhar de maneira diferenciada questões do seu ambiente ao lançar-lhes uma nova luz, utilizando a metáfora recorrente da Antropologia.

Não seria possível, dentro desta proposta, abordar sistematicamente os elementos que compõem o *roll* de questões positivas e negativas da técnica aqui utilizada, porém esta reflexão se faz fundamental na medida em que deu vazão a todos os direcionamentos nos quais a pesquisa se enveredou. Como detectou Muniz Sodré em *Antropológica do espelho* (2002), quando a estratégia de pesquisa é da ordem do *trans* (referindo-se às famosas redes interdisciplinares), acaba virando –indisciplinar. (GREINER, 2005, p.11)

Assim a dissertação está dividida em três capítulos, que correspondem à certa ordem cronológica do trabalho de campo, em que metodologia e teoria vão sendo apresentadas paralelamente às descrições, reflexões e entrevistas contidas no caderno de campo. Este é principal documento do texto etnográfico, cuja estrutura possibilita a disposição justaposta dos elementos e categorias da pesquisa de acordo com a sua ocorrência e aproximação com os temas discutidos, por parte do pesquisador e por intermédio dos pesquisados.

No primeiro capítulo, faço uma descrição do ambiente em que ocorreu a pesquisa, a Ilha de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, na região sul do Brasil. Da minha chegada, primeiras impressões, delimitações espaciais e geográficas, características culturais, caracterização do socioambiente e apresentação do objeto de estudo. Os rumos do projeto e da minha trajetória, assim como as transformações ocorridas neste percurso, desembocariam em uma nova proposta de trabalho e redefiniriam os novos sujeitos da pesquisa. Trata-se de uma —aterrisagemll em que busco contextualizar e ambientar, de forma bastante fiel, as impressões e sensações, ao sentimento suscitado pelo contato com o lugar.

Embasando-me no pensamento de Michel Maffesoli, procuro elaborar uma analogia ao que ele chama de —obra de arte totalll – *Gesamtkunstwerk* – para descrever o ambiente geral, o —sensualismo cotidianoll, tratando a arte para além da produção artística e direcionando-as às atitudes do coletivo da sociedade. Dessa forma, mesclo citações de poemas, textos literários de obras relacionadas ao lugar e as ponho em itálico para diferenciá-las das citações científicas. Também em itálico, porém entre aspas estão os relatos dos entrevistados, com nomes fictícios, para preservar suas identidades.

O segundo capítulo inicia a etnografia, apresenta a teoria antropológica e algumas definições e construções sociohistóricas da prática de aventura escolhida para o estudo, o surfe. A introdução à problemática central do trabalho, os dualismos contemporâneos e a relação cultura e Natureza são discutidas na filosofia e nas definições de ecologia, suas derivações e formação histórica do pensamento Ocidental.

O terceiro e último capítulo contém os relatos e entrevistas correspondentes aos temas pessoa, corporalidade, Natureza, lúdico e aventura. As categorias obtidas

durante a pesquisa, juntamente com a discussão teórica que as fundamenta, são explicitadas com maior ênfase. Este capítulo aborda algumas importantes associações feitas com a visão de mundo dos praticantes de surfe e significados das práticas por eles elucidados. A correlação com o pensamento de povos ameríndios e/ou de filosofias orientais é apontada como tangencial, no sentido de assumir uma postura comparativa e direcionar ao tipo de investigação sobre a relação do homem e a Natureza em suas implicações subjetivas.

CAPÍTULO I

“A MONTANHA TE DERRUBOU” OU A AVENTURA ANTROPOLÓGICA

O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente. Uma não existe sem a outra, e ambas constroem, juntas, os comportamentos coletivos, o suceder dos eventos históricos (*Hilário Franco Jr., historiador*)*.

Aqui o tempo volta no passado, as pessoas brincam com as coisas e vice-versa. Os cachorros latem e correm pela vizinhança, são amigos, se acompanham pelos caminhos e conversam. Têm bananeiras, bambus, bromélias, hibiscos, orquídeas, samambaias e guarapuvus (segundo me ensinaram, significa árvore que quebra com a tempestade). Os índios as usavam para a fabricação de canoas, que eram escavadas nos troncos dessas árvores de madeira leve. E, assim, seguiram fazendo os pescadores. Mas isso também diz que ela não é flexível, não tem maleabilidade, qualidades que eles achavam indispensáveis aos homens. Existem muitas outras das quais aos poucos saberei o nome e talvez a propriedade, além de macacos pregos, saguis, tucanos, o escandaloso aracuã e uma enorme variedade de pássaros e cores. Tem muita água também, por toda parte. Passa ao lado das casas, no fim da rua há uma cachoeira que abastece a vizinhança e até onde ao horizonte se enxerga, se vê as calmas águas da lagoa. A montanha ao fundo, que em uma parte entrecorta-se e a vista alcança o mar. Uma moradora daqui que há pouco se mudou advertiu que é preciso ter cuidado, porque com tanta água ao redor, fica-se fluído e devagar,

* Trecho retirado do filme-documentário “De Saint-Exupéry a Zepenni” de Mônica Cristina Corrêa, sobre o contato do poeta e piloto francês com pescadores da Ilha de Florianópolis na década de 1930.

*preguiçoso até se deixar. Fica-se olhando a vida e apreciando a vista. Aprende-se a “meditar em”, a contemplar.*⁵

A descrição acima, longe de ser uma inspiração poética evocada por uma paisagem natural bucólica, trata-se, apesar de sua natureza idílica, de um breve relato do início da minha experiência de campo e apresenta, de forma bastante espontânea, as primeiras impressões por mim registradas do local popularmente designado por Ilha da Magia. Com a proposição inicial de direcionar um olhar etnográfico ao meio que outrora correspondia a um local paradisíaco de férias ou de passeio, passei à observação de um ambiente complexo e do qual inúmeros significados poderiam ser extraídos e interpretados⁶.

As muitas maneiras de ver e pensar a sociedade em suas imbricadas inter-relações é sempre da ordem do novo, mesmo que se utilizem de antigas fórmulas. Elas presumem situações que são únicas em seu contexto, em seu estado e, se similares, podem e devem ser exclusivas em suas interpretações mesmo que se tratem dos domínios mais pensados e ontologizados, como é o caso das relações do ser humano, sua cultura e da Natureza.

Por isso a minha afeição e escolha em mostrar e destacar, dentro das inúmeras possibilidades de observação, aquilo que —toma de assalto muitos cétricos e distraídos, o encantamento e a ludicidade em que se é envolto diante da contemplação da beleza e do conjunto de elementos que povoam o que se habituou chamar de Natureza. Como bem registrou Michel Maffesoli (1996), coisas que realçam, valorizam, —epifanizam o real, por uma forma de hedonismo do cotidiano irreprimível e poderoso que subentende e sustenta toda vida em sociedade, uma estrutura⁷ antropológica de certo modo.

⁵ Utilizo no texto trechos retirados na íntegra do meu caderno de campo, estes estão em itálico, e fiz esta opção para que o leitor tenha acesso a momentos de reflexão originados durante as observações e que expressam as impressões que obtive durante o trabalho de campo.

⁶ Proponho aqui a realização de uma descrição densa do universo estudado, tal qual o postulado na clássica obra de Clifford Geertz (1989), *“os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão (...) Tratam-se, portanto, de ficções: ficções no sentido de que são algo construído, ‘algo modelado – o sentido original de fictício –”*.

⁷ Nos termos de Bourdieu (1987), *“Segue a tradição de Saussure e de Lévi-Strauss, ao aceitar a existência de estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes. Mas deles difere ao sustentar que tais estruturas são produto de uma gênese social dos esquemas de percepção, de pensamento e de ação. Que as*

Observar, pois, pensamento e sensibilidade como laços que animam relações, a partir do que é intrínseco, e pôr em foco alguns sentimentos que formam, junto com a razão, o imaginário e o real coletivo. Elementos de uma possível organicidade que impulsiona práticas, costumes, crenças e teorias a partir do que é frugal e cotidiano, a estética entendida como o sentir comum, como sugere o mesmo autor. A dinâmica social assim vista a partir dos seus indivíduos e de suas disposições específicas – *habitus* – em seu conteúdo emocional, mas principalmente descritivo, aquilo que lhe é prazeroso, artístico e, sobretudo constitutivo do ser social. Assim como provoca Maffesoli.

Deixar ver. Fazer pensar. Isso pode chocar alguns. Daquele que se acantona em uma erudição sem horizonte, ao outro que faz uma teoria abstrata, sem esquecer o manipulador de dados estatísticos, mais ou menos datados, inúmeros são os que zombam, quando nos contentamos em mostrar. E, no entanto é preciso continuar, nem que apenas para marcar data e fornecer material reflexivo aos que, desiludidos de suas pretensões e curados de sua 'ressaca' estarão em condições de utilizar, mesmo às escondidas, o que consideravam há pouco tempo como infrateórico. Isso demanda um olhar lúcido sobre fatos brutos. Um olhar generoso também, que respeita as coisas pelo que são, e que tenta apreender qual pode ser sua lógica interna (MAFFESOLI, 1944, p.10).

As manifestações artístico-culturais da Ilha, assim como as paisagens, são observáveis cotidianamente, possuem singular beleza e parecem ser retrato da influência direta do meio circundante. Da poesia que viaja na janela dos ônibus coletivos, da arquitetura, dos mosaicos e grafitagens às expressões populares e religiosas de ritmos, performances e sons que reverenciam e dão o contorno a toda essa Natureza. Dando corpo à ideia que Maffesoli chama de a —naturalização da culturall na qual as ligações sociais são a todo o momento fortalecidas por uma espécie de comunhão com a Natureza, ou, uma —ecologização do mundo sociall⁸.

estruturas, as representações e as práticas constituem e são constituídas continuamente" (Bourdieu, apud Thiry-Cherques, 2006. P. 28).

⁸ A ideia será desenvolvida com maior profundidade no capítulo seguinte.

1.1 A moldura e a tela

A Ilha de Santa Catarina, capital do estado de mesmo nome da região sul do Brasil, foi o local escolhido para a realização da pesquisa. Classificada como uma *ilha continental* - sendo uma extensão dos grandes traços geológicos continentais – possui uma área de 423 km² e é caracterizada pela associação das denominadas *serras litorâneas* e *planícies costeiras*⁹, unidades geomorfológicas que caracterizam a paisagem ilhoa, como o descrito a seguir.

A história geológica da Ilha proporcionou uma certa diversidade de tipos de solos e de perfis topográficos (relevos) que, interagindo com fatores físicos e biológicos, permitiu o desenvolvimento de vários ambientes. A Floresta Ombrófila Densa, no caso a Mata Atlântica, encontrou condições para se desenvolver predominantemente nos morros. A vegetação litorânea de praias e dunas, formada principalmente por arbustos e ervas (vegetação de restinga), ocupou a maior parte das áreas planas de solo arenoso da Ilha. Outra porção das áreas planas foi ocupada pelos manguezais, nos solos lodosos [...] Na costa leste, além dos campos de dunas, encontram-se os costões rochosos, que possibilitam a fixação e o desenvolvimento de várias espécies que são encontradas nas águas estuarinas das baías. Nesta mesma região, cordões arenosos represaram corpos d'água, formando as duas maiores lagoas da Ilha: Lagoa da Conceição, de água salobra, e a Lagoa do Peri, de água doce (CECCA, 1997 p.73).

Estes traços fazem da parte insular do município de Florianópolis - também localizado no lado continental - um local de grande beleza, constituído de uma enorme diversidade de ambientes e habitats que ao longo de sua história tem atraído visitantes, moradores e estudiosos de toda variedade.

⁹ *As serras litorâneas em geral apresentam aspecto de crista, devido à sua posição alongada e ao acentuado declive das encostas. A Ilha é atravessada em toda sua extensão por uma dorsal central orientada NNE e SSW, cujos divisores de água separam as pequenas bacias fluviais e planícies costeiras [...] As planícies costeiras são formadas pela deposição de sedimentos marinhos e fluviomarinhos [...] Na Ilha de Santa Catarina distinguem-se três ambientes de planícies costeiras, de acordo com o nível de energia ambiental a que estão sujeitos: o setor leste, submetido à atuação das ondas e ventos de alta energia provenientes do quadrante sul; o setor oeste, compreendendo as águas protegidas das baías Norte e sul; o litoral norte, de nível energético intermediário, que é atingido pelos ventos e ondulações oriundas do quadrante norte e protegido dos ventos sul pelas elevações da dorsal central.* (CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis, 1997)

Trata-se realmente de um lugar que encanta a vista logo no primeiro momento. Um ambiente em que cores saltam e se fundem. A luz parece mais branca que o usual, o azul celeste e marinho encontram o verde robusto da mata atlântica, com sua imensidão de cores ora de flores ora dos minúsculos passarinhos, pequenos arco-íris ambulantes. Além das dunas que, douradas ou esbranquiçadas, refletem o sol mesmo em dias de chuva, comuns ao longo de todo o ano. Essa paisagem parece impulsionar todo o vitalismo rotineiro e indelével do lugar em que até as pedras com sua opacidade possuem robustez e complementam belamente o cenário.

Estudos arqueológicos feitos na Ilha atestam que toda essa riqueza ambiental é desfrutada há pelo menos 4,5 mil anos por indígenas ao longo de sucessivas gerações, com destaque para os chamados homens de *Sambaqui*¹⁰, povos de grande importância histórica nacional, que deixaram marcas da sua existência por todo o litoral brasileiro e nos mais de 120 *sambaquis* localizados só na Ilha. Os demais grupos foram os *itararés* e os *carijós*, esses últimos membros da família tupi-guarani e habilidosos ceramistas, que contribuíram sobremaneira para a adaptação do homem branco na Ilha - a qual chamavam de *Meiembipe – montanha ao longo do canal*. Seus costumes influenciaram vicentinos e açorianos, principais colonizadores da Ilha, em atividades como a produção de farinha de mandioca e bebidas, o reforço de técnicas para a pesca, o artesanato, o uso de ervas medicinais, entre outros.

Os primeiros aventureiros a aportarem na Ilha compunham o projeto de expansionismo europeu. Segundo Flávio Silveira (1996), desde o século XVI, a Ilha é ponto de passagem de inúmeros viajantes que percorreram os mares do Atlântico sul em expedições pelo Novo Mundo. Corsários, piratas, colonizadores, cientistas formavam o leque de visitantes atraídos pelo caráter exótico com o qual se vislumbrava a América, as descobertas e mitos que alimentaram o imaginário da Europa em torno da exuberância e fartura da Mata Atlântica.

Características estas que aparentemente perduraram nos séculos XVII e XVIII com os bandeirantes que empreenderam —suas entradas para o interior do Brasil

¹⁰ Palavra de origem guarani que significa monte de conchas. São sítios arqueológicos, que resultam da ação humana pelo depósito e acúmulo de cascas de moluscos e restos de outros alimentos. Localizam-se bem próximo ao mar e serviam de local de moradia, pois se tornavam superfícies altas, secas, livres de animais peçonhentos e com vista estratégica. São comuns por todo o litoral brasileiro e constituem patrimônios históricos naturais de grande importância científica.

desbravando uma Natureza recôndita e imprimindo outra dinâmica de exploração, que se estendeu aos viajantes contemporâneos, aos turistas atuais. Nas palavras de Silveira (1996, p.23), -Está na busca do novo a propulsão para a descoberta, o princípio motriz que impele tais personagens a optarem por conhecer outras terras; planos traçados nas malhas sutis da imaginação.¶

Nós temos em Santa Catarina diversas faixas de cultura. Mas falemos primeiro da ilha. Aqui temos uma predestinação. Você encontra nomes poéticos já relacionados com os índios. Os espanhóis falam de Baía de Los Perdidos, com toda a beleza opalescente a escorpiônica que isso encerra; de solidão e de mágica. Porque esta ilha de sol e mar tem o outono e o inverno mais bonitos... É uma névoa úmida que baixa em cima das matas do Rio Vermelho. O inverno aqui é também para as almas fortes. E essa Florianópolis é uma ilha inesquecível. Almas sonhadoras falando um português quinhentista. Ilha de uma beleza estética poucas vezes comparável. E tudo isso é atingido e torturado por uma forma, não sei se exata - de progresso?... (Rodrigo de Haro – Poeta Catarinense).*

O texto de Rodrigo de Haro é retrato de uma miscelânea de povos que vieram de lugares distintos e das fortes influências dos primeiros —descobridores¶. A colonização do europeu na Ilha inicia-se em 1748, com a primeira leva de açorianos chegados em Santa Catarina distribuídos até o município de Laguna, no sul do estado, onde,

[...] em especial na Ilha de Santa Catarina, verifica-se com maior nitidez a influência cultural do povoador português e, em particular, do imigrante açoriano. Esta ascendência se reflete tanto no traçado original das cidades e na tipologia arquitetônica, quanto nas técnicas agrícolas e festas tradicionais (CECCA, 1997, p.61).

A partir deste período, a colonização continua com a chegada de negros escravos. Mesmo que em menor número que nas outras regiões do Brasil, deixaram heranças culturais presentes até os dias atuais, como as festas do boi-de-mamão, o carnaval, a dança, a capoeira e os batuques. Mais tarde, no final do século XIX, surgem as novas levas de imigrantes europeus de diferentes países, com destaque para alemães e italianos. Mais recentemente, pelas constantes migrações regionais da

* In: ARAÚJO, 1997, p.191. As citações em itálico correspondem a textos literários e/ou expressões artísticas encontradas durante a pesquisa. São em sua maioria de artistas locais ou que fazem referência à Ilha.

década de 1960 (Rio Grande do Sul, Paraná e Rio de Janeiro), e atualmente dos moradores do interior do Estado, atraídos pela oferta de empregos da capital, dá-se sequência ao ciclo de ocupação da Ilha, o qual ainda permanece.

Essa configuração histórica, atualmente, reflete-se na conformação socioespacial e econômica da cidade e influencia significativamente as relações estabelecidas com a natureza litorânea da ilha. A dinâmica de crescimento e expansão da cidade juntamente com os diferentes modos de vida e concepções de mundo de seus habitantes são fatores de grande preocupação por parte dos estudiosos e população em geral, devido à fragilidade de seus ecossistemas e à maneira desordenada com a qual tem ocorrido sua ocupação territorial, como detalha Kuhnem (2002, p.27).

A cidade de Florianópolis desenvolveu-se violentando tanto aspectos ambientais como do modo de vida local. Apesar da natureza insular de parte da cidade impor uma série de particularidades e limites ao crescimento, o desenvolvimento se deu a um custo ambiental e das relações humanas. O entendimento equivocado de progresso vem desdobrando-se num crescimento visivelmente desordenado, com muitas deficiências nos tradicionais suprimentos urbanos como eletricidade, abastecimento de água, transporte, saneamento, coleta de lixo, moradia, etc. Nesse mundo de precariedades e perdas há ainda um conjunto de problemas relativos à produção da vida simbólica e à vida cotidiana dos seus moradores. [...] Em especial, o aumento da população trouxe uma série de conflitos quanto ao uso e ocupação do solo, dos costumes e valores, da linguagem, do folclore etc.

Este breve perfil da evolução histórica de Florianópolis e de algumas de suas características básicas é apenas um localizador do seu socioambiente. A cidade possui hoje aproximadamente 400 mil habitantes¹¹ e um fluxo turístico que tem se intensificado desde 1970, transformando essa população em quase um milhão na estação de veraneio, que vai de dezembro a março. Muito se discute a respeito da infraestrutura local, das condições ambientais da Ilha e do crescimento desordenado, que tornam visíveis questões como saneamento básico, construções irregulares, especulação imobiliária, congestionamentos de tráfego, preservação de patrimônios naturais e culturais, entre outros. Além de fatores que correspondem diretamente à particularidade

¹¹ Dados do Censo IBGE 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/SC2010.pdf>. Acesso em 26 nov. 2011, 14:32.

do ambiente natural, é comum observar a dedicação com a qual são tratados os temas relativos à cultura local permeada por uma mescla de povos e costumes bastante diversificados.

Entretanto, emerge uma situação que nos últimos anos vem alterando este modo de vida –ideall a que aspiravam os antigos –descobridoresll da Ilha, com uma maior diferenciação dos migrantes que vêm: de um lado uma classe média alta de grande poder aquisitivo e alto padrão de consumo, que nada tem a ver com o estilo alternativo de outrora; de outro uma massa de migrantes rurais empobrecidos, que ocupam as escarpas do morros e a periferia da cidade, sobretudo na parte continental.

Entretanto, considero que haja ainda um terceiro grupo característico, que a seu modo busca conservar traços da contracultura¹² de algumas décadas atrás. Esses me parecem diluídos em diversas classes econômicas e funções sociais, atraídos por pressupostos ecológicos, comunitários, ideológicos, espirituais. Dentre eles, um grande número de estudantes e profissionais liberais, viajantes que se mudam para a cidade sem qualquer plano anterior, que chegam para passar um curto período e acabam optando por fixar residência. Personagens típicos de grandes centros urbanos que delimitam de certa forma fronteiras culturais, indivíduos orientados por projetos de vida individuais, porém com visão de mundo e *ethos*¹³ similares. (VELHO, 1999, p.26)

¹² Nas palavras de PEREIRA (1986: 13), “O termo ‘contracultura’ foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menos intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do Ocidente.”

¹³ “...um estilo de vida, uma organização das emoções (ver Bateson, 1958, apud VELHO 2001; Geertz, 1978)” .

1.2 Em primeiro plano

A cidade é resultado do agrupamento das antigas freguesias¹⁴ ou pequenas povoações que deram origem à atual divisão político-administrativa da Ilha, os bairros-distrritos. Dentre os mais tradicionais está a Lagoa da Conceição, cuja localização privilegiada em relação a pontos importantes da Ilha e a variedade de seus atrativos naturais fazem desta biorregião¹⁵ e suas adjacências ponto de convergência de diversas —tribos¹⁶ que circulam e desfrutam deste meio.

A ocupação dos arredores da lagoa ocorreu em 1750 com a fundação da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. As principais atividades exercidas por esses moradores era o cultivo das roças, com predominância da mandioca, a pesca, a construção de suas moradias de —pau-a-pique barreado à mão¹⁷, os engenhos, a criação de alguns animais, a extração de cal, além da indústria doméstica de tecidos. (KUHNE, 2002, p. 29). Já em 1900 estas atividades foram sendo praticadas apenas para subsistência e foi abrindo espaço para sua potencialidade de visitação. A abundância de crustáceos e peixes, aliada à paisagem, tornaram o local destino de passeios de finais de semana, principalmente dos moradores do centro da cidade que começaram a fixar ali suas residências de veraneio.

Tomei como referência, para o recorte espacial do estudo, a Bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição¹⁷. Originada do represamento da água por canais de areia oriundos da restinga na parte leste da Ilha, a Lagoa possui uma área de 17,6 km². Está ladeada por montanhas, e a ligação com o mar ocorre pelo canal da Barra da Lagoa. Um local de grande concentração de vida animal e vegetal, de passagem e também de

¹⁴ Como eram definidas as menores unidades administrativas pelo antigo Império de Portugal.

¹⁵ Espaço geográfico que abriga integralmente um ou vários ecossistemas, sendo um berçário natural de várias espécies de zonas costeiras. (SOUZA, 2003)

¹⁶ Michel Maffesoli (1987) utiliza a metáfora das tribos urbanas para descrever as relações estabelecidas na constituição social da contemporaneidade. A partir da noção de costume, do “estar junto” no cotidiano, por meio de vínculos sociais por meio da experiência do contato e do reconhecimento de si e do outro.

¹⁷ “*...+ fazem parte da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição as comunidades da Barra da Lagoa, Centro da Lagoa, Canto dos Araçás, Costa da Lagoa, Porto da Lagoa, Retiro da Lagoa, Rio Vermelho, praias da Joaquina, Mole e Galheta. Localizada a aproximadamente 12 km do centro da Florianópolis, a Lagoa da Conceição é um recanto que, por sua beleza, é hoje considerada o maior cartão-postal da cidade. Recebe pessoas de vários pontos do Brasil e do mundo que chegam cada vez em maior número atraídas pela qualidade de vida e por suas belezas naturais.” (WEDY et. al 2008. p. 205)

moradia, a Lagoa faz a ligação do centro da cidade com as praias do leste e os bairros do sul e do norte por estreitas avenidas. Abriga bairros tradicionais como o Canto da Lagoa e a Costa da Lagoa, este último, uma vila de pescadores descendentes dos açorianos cujo acesso se dá apenas por trilha ou barco. Possui também o centro comercial ou —centrinhol, nas cercanias da avenida das Rendeiras – cujo nome está relacionado à atividade artesanal de confecção de rendas de bilro por antigas moradoras. O mapa 01 ilustra a área, situando o centro do bairro da Lagoa.



(Mapa 01 – Ilha de Florianópolis/Lagoa da Conceição)

Com uma forma alongada no sentido Norte-Sul, localizando-se na costa Centro-Leste da Ilha de Santa Catarina, a Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição apresenta uma concentração de atrativos relacionados ao meio ambiente que qualifica o discurso de representação política dos moradores locais através de suas associações, como a AMOLA - Associação dos Moradores da Lagoa e a SAL – Sociedade Amigos da Lagoa -, e mobiliza diversas práticas individuais e comunitárias em relação a busca de uma ideia de *qualidade de vida*, onde o incentivo aos esportes permeia os tratos com o corpo. [...]O contato aproximado com a natureza exuberante composta de diferentes águas e vegetações atrai moradores de outras regiões do país que povoam o espaço juntamente com os nativos. Conforme RIAL(1988) a cadeia de montanhas que circunda a Lagoa, como um anel, estabelece fronteiras físicas e simbólicas com o resto da Ilha, fazendo com que seus nativos diferenciem e distanciem o local tanto no que se refere a classificação das águas quanto aos diferentes habitantes, dando a tônica das relações sociais (CECCA, p.59).

Assim como o descrito em Cecca, além da grande beleza, o ambiente da Lagoa é cenário escolhido para diversas práticas de atividades de lazer, e inclui desde os locais preparados para o turismo e visitação até aqueles que são atrativos naturais (dunas, praias, trilhas, quedas de água e a mata atlântica) para a prática de atividades físicas e desportivas em suas variadas formas. Estes e alguns motivos referentes à minha trajetória pessoal serviram de ponto de partida na determinação dos contornos da pesquisa e na definição da Lagoa, como é conhecida toda a região, como local de investigação do estudo. Mais adiante abordarei o tema com maior profundidade. Neste momento, descrevo com maior ênfase o socioambiente das cercanias da Lagoa da Conceição que, segundo Ana Maria Souza (2003), possui uma dinâmica específica no que tange às práticas e ao seu *ethos*, —o estilo de vida que imprime o tom dominante sob o qual os grupos enfocados vivemll.

1.3 Os personagens

Especificamente na ilha – onde céu e terra se encontram - há uma simbiose de fantástico local e mitológico: a própria natureza, de uma beleza bastante particular, é fonte de narrativa espontânea que se funde às tradições sobrenaturais como o mito açoriano* e o mito dos marinheiros, entre outros, acrescido ao —pathosll germânico (ARAÚJO, 1997, p. 46).

Os nativos da Ilha, que já se chamou também Nossa Senhora do Desterro, são conhecidos como *manezinhos*, uma maneira carinhosa de referência ao colonizador português, mas que hoje faz referência direta aos nativos da Ilha, ao contrário da expressão popular —manéll comumente utilizada com tom pejorativo em várias regiões do país. Essas pessoas possuem, além da açoriana, ascendência africana, alemã, italiana e de outro povos.¹⁸ Com costumes e sotaques bastante peculiares, alguns conservam características da época em que as principais atividades eram a pequena agricultura, a pesca e a produção de artefatos como cerâmica, cestarias e confecção de rendas.

O conflito existente entre os *manezinhos* e os inúmeros novos habitantes da Ilha é visível. Mesmo estando a maioria hoje inserida no mercado de serviços,

* Florianópolis constitui-se um fenômeno sui-generis no país por ter justamente conseguido conservar intactas, até fase recente, as suas raízes sacras plantadas no mito e na magia açoriana. A obra de Franklin Cascaes ** que se desdobra ao longo de 30 anos de “pesquisa de campo”, [...] constitui-se num elo entre o passado caboclo/açoriano e o presente, em suas novas tendências. Ele próprio, descendente de açorianos, é por vivência e estrutura o depositário da cultura popular ilhoa, traduzida numa delirante fantasia, que converte a existência do homem mitopoético em dogma. (ARAÚJO, 1997, p. 46)

** Sua obra preserva uma ligação fundamental com Florianópolis: a “ilha/mito”, o magnético encantamento de ligação entre o mar e a terra, natureza vegetal e mineral. A ilha atuando como polo da natureza metafísica e o oceano como a imensidade ilógica, a dinâmica contraditória que simboliza ao mesmo tempo o conjunto de todas as possibilidades do plano existencial e a destruição de tais possibilidades⁴. Na sua obra há constantes alusões às águas do mar. Mesmo a terra assume tal conotação, ela ondula como as ondas. Sem sabê-lo serve-se da linguagem símbolo do oceano primordial da protomatéria⁵... Talvez dessa função orgânico/espiritual é que provenha o telurismo imanente na obra de Cascaes que o torna um dos mais autênticos representantes do antropofagismo barriga-verde. (Bruxas, lendas, técnicas artesanais, arquitetura, lúdico, costumes festas religiosas) (p.82).

¹⁸ Alguns autores apontam para um movimento recente de revalorização da figura do manezinho, que não ocorria há alguns anos, principalmente junto à população jovem. Eles atribuem a isto principalmente a transformação de alguns destes em ídolos nacionais, entre eles o tenista Gustavo Kuerten.

principalmente no setor do turismo, muitas transformações ocorridas em seu meio e em seu modo de vida concentram insatisfação e um certo localismo¹⁹. Cecca (1997) destaca que os sítios se constituíam não só como espaços de suprimento de necessidades, como alimentação e habitação, mas —eram também um espaço de produção da vida simbólica, do *modo de vida ilhéu*”; costumes tradicionais, brincadeiras como a do boi-no-campo foram —expropriadas, cerceadas e até mesmo proibidas de serem executadasll, como consequência das divergências culturais presentes nesta ocupação desordenada. Assim como se apresenta a seguir:

O processo descrito acima, foi particularmente acelerado pelo desenvolvimento do turismo na Ilha, com o crescente número de construções e casas para os veranistas, além de toda a estrutura urbana que as têm acompanhado, transfigurando completamente as antigas comunidades pesqueiras do interior da Ilha. Os ilhéus foram assim em grande parte, rapidamente expropriados de seus sítios. Alguns destes destinaram-se à especulação imobiliária a longo prazo, outros foram imediatamente loteados e vendidos. [...]Os filhos e netos dos ilhéus, não deserdados da terra, passaram a ser absorvidos pelo mercado de trabalho de maneira diferenciada. Alguns, visualizando o desenvolvimento do turismo na região, abriram negócios que vieram a se tornar grandes, [...]mas a imensa maioria passou à condição de assalariada em serviços considerados inferiores, como empregadas domésticas, faxineiras, arrumadeiras, garçons, operários da construção civil, atendentes de comércio e outros (CECCA, p. 105).

No entanto é salutar refletir a respeito da dinâmica que rege estes processos de transformação, na qual é possível perceber uma combinação das -formas diferenciadas de produção e reprodução da vida socialll (MALUF, 1993, p.16). Não há uma delimitação estanque entre rural e urbano, não configurando assim realidades que ocorrem alheias umas às outras. Essas, sim, definem um contexto de re-significação dos elementos presentes em ambas de acordo com a situação histórica. —A mudança

¹⁹ Flávia M. Motta (2002) discute amplamente a relação do “manezinho” com os termos que o conceitua e distingue dos demais grupos habitantes da Ilha. “*Trata-se de grupos populares do litoral de Santa Catarina, em grande parte com um passado pesqueiro rural muito recente, em alguns casos efetivamente presente, e coexistente com o urbano-moderno. É comum, especialmente na mídia, esses grupos serem referidos como ‘açorianos’. Há quem prefira chamá-los “neo-açorianos’ (Carmem Rial oral e informalmente), ‘Ilhéus’ (Menezes Bastos, 1993) ou ‘açorianos brasileiros’ (Lacerda, 1994) ou simplesmente mané ou manezinhos.[...] De acordo com Rial (1988), que estudou uma dessas localidades de colonização açoriana, “quem nasce na Lagoa é até hoje chamada de <nativo> pelos outros moradores que reservam uma categoria bem precisa para designar os visitantes ou moradores que não nasceram ali: ‘pessoal-de<fora>’, (Ênfases originais)”.* (p. 19).

não ocorre pela incorporação unilateral do 'modo de vida urbano'. Tampouco os traços culturais predominantes até então na comunidade desaparecem, mas transformam-se (Ibidem)

A Lagoa é atualmente um dos principais centros do conflito ocasionado pelo desenvolvimento turístico-urbano da Ilha, ao passo que se trata de um ecossistema costeiro frágil marcado por intensa degradação socioecológica. O turismo de massa é tido como o principal responsável pela explosão urbana, o que agrava a tensão aliada ainda às crescentes taxas de crescimento demográfico entre as maiores do país (FLEXA, 2007).

[...] as características naturais da Ilha vêm atraindo um tipo diferenciado de migração: de classe média, profissionais liberais, pequenos empresários, funcionários públicos, professores e artistas, que se fixam em Florianópolis atraídos pelas oportunidades de emprego, mas também pela beleza do espaço natural e por uma cidade onde os problemas típicos das grandes metrópoles se manifestam ainda incipientemente. Esta migração distinta daquela das populações pobres, porém de alguma forma produto dos mesmos fatores convergentes, não costuma ter o mesmo tratamento por parte das administrações públicas. [...] No entanto, está claro em Florianópolis e, em particular na Ilha de Santa Catarina que, do *ponto de vista do meio ambiente [grifo do autor]*, são as classes média e alta que mais têm contribuído para a destruição e alteração dos equilíbrios no espaço natural. Seja diretamente, pela construção de suas residências, desobedecendo à legislação federal, estadual, municipal, que protege o meio ambiente e regula o ordenamento do território, ou indiretamente, criando uma demanda cada vez maior de um tipo de ocupação profundamente predatória e mercantilista do ambiente natural (CECCA, 1997, p.114).

A população atual da Lagoa é de aproximadamente 30 mil²⁰ pessoas, composto por habitantes da comunidade nativa e grupos de variadas regiões do país e do exterior. Essa relação historicamente conhecida por um fator de tensão, não só no caso específico da Ilha, tem sido habilidosamente esmiuçada por importantes estudiosos, que remetem a um nível de complexidade que não cabe ao intento desta descrição.²¹ Apesar de ter sido parte significativa da bibliografia consultada, tal discussão é por demais relevante a fim, inclusive, de servir de parâmetro para localidades em vias de

²⁰ Dados do Censo IBGE 2010. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/SC2010.pdf>. Acesso em 26 nov. 2011, 14:32.

²¹ Ver KUHNEN, 2002.

—desenvolvimento turístico ou em locais em implantação de projetos que harmonize meio urbano e natural, como é o caso de Palmas, capital do Tocantins. No entanto, apresento esse tipo de conflito a fim de elucidar alguns pontos que se entrecruzam neste trabalho no que diz respeito a hábitos, práticas e meio ambiente.

Outra classe de nativos, termo comum na antropologia para se referir aos sujeitos da pesquisa etnográfica, será objeto deste trabalho. Eles foram —selecionados a partir de contatos iniciais, nos quais os alvos eram praticantes de esportes de aventura²² em geral, tais como *mountain bike* e *trekking*²³, respectivamente o uso de bicicletas e caminhadas realizados em trilhas de ambientes —naturais. O uso dos termos em inglês é justificado pelo desígnio dado pelos próprios praticantes e pela mídia em geral, em que é possível verificar que o uso de expressões em inglês por toda a rede em torno de tais práticas está relacionado a certa distinção social perceptível em diversos elementos, dentre os quais, a língua.

1.4 O encontro com a obra

Uma nativa-pesquisadora? Em sentido restrito e popular, talvez sim. Mesmo circulando nos entremeios da antropologia acadêmica²⁴, caio no exótico grupo categorizado como e composto por moradores de regiões —desconhecidas e distantes do Brasil. Há uma espécie de fascínio contemporâneo – principalmente entre os aventureiros - por ambientes como o do Estado do Tocantins, por suas belezas naturais mais conhecidas (Jalapão, Ilha do Bananal), pela presença de populações tradicionais e do seu contexto cultural. A minha pesquisa segue, ou inicia-se, pela identificação dos

²² Como já foi explicado optei pela não utilização deste termo, porém ele ainda é o mais conhecido pelo senso comum. Dessa forma, precisei utilizá-lo para a apresentação inicial da minha pesquisa a fim de obter indicações de como localizá-los. Processo semelhante à formatação deste trabalho que foi se reinventando e testando os termos com a finalidade de descobrir os mais apropriados para a natureza do estudo.

²³ Apesar de possuir críticas severas a respeito dessas apropriações, não me atarei aqui nessa discussão por não se tratar do foco do trabalho.

²⁴ Durante o período inicial do trabalho de campo cursei disciplinas isoladas no curso de Antropologia Social, no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGAS/UFSC, o qual me possibilitou diversas trocas e instrumentos para a realização da pesquisa.

espaços presentes neste universo. Não é um espaço fixo, estático, nem o são seus objetos/sujeitos.

A minha proximidade e relação com o tema a ser pesquisado foi imprescindível para a escolha do objeto e também para a elaboração da hipótese que orientou a pesquisa. Apesar das dificuldades metodológicas presentes durante o trabalho, foi a partir da convivência e conhecimento prévio de parte da cosmologia e de alguns praticantes na minha trajetória pessoal que importantes questões foram levantadas e discutidas, tornando viável inclusive a delimitação deste campo²⁵.

O ‘antropólogo’ é alguém que discorre sobre o discurso de um ‘nativo’. O nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra; o antropólogo não carece ser excessivamente civilizado, ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre. Os discursos, o do antropólogo e sobretudo o do nativo, não são forçosamente textos: são quaisquer práticas de sentido. O essencial é que o discurso do antropólogo (o ‘observador’) estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o ‘observado’). Essa relação é uma relação de sentido, ou, como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento. Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.113).

Além de moradora na Lagoa da Conceição, passei a circular por estes ambientes de bicicleta, ou somente “*bici*” como é chamada, assim como fazem muitos dos moradores e conheci locais frequentados por tais grupos e pessoas que se tornaram importantes tradutores do universo pesquisado. Do alto do morro é possível ver, quase que diariamente, uma infinidade de cores e formas que cruzam os céus e a superfície da lagoa. De acordo com as condições meteorológicas, alternam-se os tipos de equipamentos e práticas que se observa ali em praticamente todo o ano, desde as tranquilas caminhadas na sua orla até aquelas consideradas de maior risco e que

²⁵ No sentido empregado por Bourdieu em que “os campos são mundos, no sentido em que falamos no mundo literário, artístico, político, religioso, científico. São microcosmos autônomos no interior do mundo social. Todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo habitus. O campo estrutura o habitus e o habitus constitui o campo (Bourdieu, 1992b:102-103; Dortier, 2002:55). O habitus é a internalização ou incorporação da estrutura social, enquanto o campo é a exteriorização ou objetivação do habitus (Vandenbergh, 1999:49);” (THIRY-CHEQUES, 2006, p.36)

exigem formação e tecnologia, como, por exemplo, a curiosa competição de barcos movidos à energia solar.

Com uma maior proximidade com o ambiente da Ilha, onde grande parte dos caminhos levam ao mar, percebi que a influência deste para a vida dos seus moradores se efetuava de maneiras distintas, mas com grande intensidade para quase todos eles. Influenciando na atividade pesqueira industrial e artesanal, nos serviços turísticos e de lazer, até as práticas esportivas e ou de aventura que abarcam uma série de modalidades e adeptos. A partir da escolha da região a ser pesquisada, todos estes praticantes passaram a integrar a minha observação. Procurei conhecer e vivenciar um pouco cada uma delas a fim de encontrar pontos de convergência aos quais pudesse relacioná-la ou mesmo um grupo específico no qual pudesse encontrar a expressividade que possui este universo.

Para Geertz (1989), —A relação do homem com o mundo é sempre mediada por suas ferramentas. Ele constrói, apreende e interpreta a realidade a partir dos instrumentos que lhe são fornecidos pela cultura assim como um tecelão que —borda sem cessar teias de significados para dar sentido ao mundo. E é exatamente em busca deste sentido nos quais inúmeros pontos vão se alinhando e moldando este tecido que busquei observar a Lagoa, a partir —desse véu da cultura, dessas lentes. (LEITÃO, s/d, p.1)

Nas águas da lagoa, o *windsurfe*, o *kitesurfe*²⁶, equipamentos utilizando pranchas e velas ou pipas para deslizarem pela superfície da água, e a canoagem, com tipos variados de canoas e caiaques, são os principais esportes praticados. Eles dividem espaço com as embarcações à vela e barcos motorizados, incluindo aqueles que fazem o transporte público da população que reside na Costa da Lagoa e também dos turistas. Este ambiente apresentou-me uma grande diversidade de práticas, tais como as modalidades de voo livre, extremamente influentes no cenário, assim também os esportes de prancha, o *sandboard* das dunas da Joaquina, o *skateboard* nas ruas, incluindo os elétricos. E, por aqui, o mais popular deles, o surfe²⁷.

²⁶ Os praticantes designam tais práticas por navegação, por utilizarem de técnicas e equipamentos usados para o mesmo fim, com, classificação, medição e previsão do regime de ventos e demais condições meteorológicas.

²⁷ Ou, em Inglês, *Surf*, cuja tradução literal é deslizar.

Sem dúvida alguma o surfe é o mais popular dentre os esportes na região da Lagoa e influencia fortemente o cotidiano da população local. Desde as escolas que ensinam as técnicas aos novatos, lojas de equipamentos e vestuário especializado até os restaurantes, lanchonetes e centros de treinamento voltados para este público. Os relógios de rua, em formato de pranchas, informam também a temperatura do ambiente, da água e direção dos ventos, além dos anúncios publicitários. A cultura e o estilo de vida surf no ambiente são disseminados em diversos veículos de mídia e também com a moda *surfwear* das ruas, indicando valores, crenças e padrões impressos nos corpos e demais elementos que compõem a estética surfista.

1.5 De “Capital da Aventura” a “Ilha da Magia”

A minha primeira experiência em campo, de porte do aparato metodológico preparado para a pesquisa, foi uma visita a uma feira de esportes de aventura, no ano de 2010, um evento destinado ao mercado da aventura em geral, atletas, empresas, mídia especializada, associações, instituições e interessados de diversos tipos. Um evento de alcance internacional, mas com foco maior na América do Sul e Brasil, realizada já há alguns anos e com uma estrutura condizente com as potencialidades deste mercado.

Equipamentos, acessórios, vestuário, pacotes de viagem, tecnologia, protótipos e cenários artificiais de tamanho real compõem o ambiente da feira, além de fóruns, seminários e muitos visitantes. A ‘aventura’ foi consolidada como um negócio promissor e movimenta uma indústria de alta escala e de grande amplitude. Inúmeros serviços e produtos se relacionam com este meio e demonstram no investimento direcionado a este setor todo o seu potencial de expansão.

A esta altura estava certa de que a aventura faz parte da construção social da contemporaneidade, mas ainda não tinha em mente de que maneira abordaria o tema ou qual daqueles variados e atrativos locais seria o meu caso específico de pesquisa. Havia selecionado alguns dos principais e tradicionais lugares onde é possível observar

estas práticas. Também tinha consciência da necessidade de escolha de um local em que pudesse ter acesso com facilidade de alguns —canais de informação e apoio. Com o bombardeio visual presente na feira, um *stand* em especial me chama a atenção, divulgava a edição de uma revista impressa com várias imagens de esportistas, paisagens e a seguinte frase de capa: —Florianópolis – Capital da Aventura.

A ‘*aventura*’, designação usada principalmente pela indústria do ecoturismo e adotadas pela mídia em geral, abrange desde as mais simples incursões a pé, por trilhas e espaços naturais, à utilização de técnicas e equipamentos especializados para a descida, ascensão, flutuação e ultrapassagem de obstáculos em terra, água e ar, inclusive em ambientes urbanos. Em Inácio *et. al.* (2005, p. 71), encontrei notas afinadas com a proposta deste trabalho, em que a readequação do termo em questão, seria de grande utilidade visto que propõe, a partir dele, uma análise de pontos como o —modelo civilizatório, as metamorfoses da técnica, Educação, Natureza, o lazer em suas dimensões e as relações com alteridade e corporeidade — Práticas de Aventura na Natureza.

Da minha chegada à ilha de Santa Catarina com o intuito de desenvolver o presente estudo, creio que a afirmação primeira e mais contundente do relato desta experiência seja a seguinte: —o projeto foi destruído pelo campo. Coloco-a entre aspas, pois a ouvi em inúmeras situações, dita por diversas pessoas as quais poderia dedicar sua autoria, e expressada de tão diferentes modos que marcou sobremaneira a minha trajetória como pesquisadora. Algumas importantes questões emergiram e dificuldades e percalços que ocorreram durante o trabalho têm me feito crer que tais situações precisam ser também aqui relatadas.

De acordo com o planejamento preparado para a realização da pesquisa, a minha ida para Florianópolis, no mês de fevereiro, coincidiria com meados da estação do verão, a qual julgava ser a época ideal para a observação das Práticas Corporais de Aventura na Natureza. Como a ilha é destino de grande procura por turistas durante o período de férias, a quantidade de pessoas que transitam por trilhas e por seus inúmeros atrativos naturais é imensa e os espaços são disputados por pessoas comuns, esportistas, grupos (organizados ou não) e empresas que oferecem os mais diversificados tipos de aventuras aos interessados. Um cenário interessante, mas que

não condizia com o meu interesse central e que criava alguns entraves na realização do trabalho.

O primeiro problema estava no fato de que este contexto não me permitiu identificar os grupos que representassem o perfil dos moradores, incluindo os —manezinhos^{ll}, sujeitos da pesquisa com os quais poderia desenvolver um trabalho em médio ou longo prazo; em seguida constatei que para realizar a pesquisa naquele momento seria necessário empregar mais recursos do que dispunha, além de maior esforço logístico para acompanhar tais grupos pelos variados locais em suas —expedições^{ll}. Por último, ocorreram fatores que considero relativos à minha própria -aventura^{ll}, ao enveredar em uma área teórico-metodológica nova para mim, um terreno ainda em descoberta e encantamento.

Desnaturalizar o olhar e aliar imagens, imaginários e produção intelectual, assimilando subjetivamente o mundo por meio da etnografia. Ana Luiza Carvalho da Rocha (1995), ao discutir a importância da imaginação e da dimensão transcendente do indivíduo na construção do texto etnográfico, aponta que —as motivações simbólicas do pesquisador transformam dados sensíveis em imagem/objeto de conhecimento^{ll}, e que o texto antropológico não pode abdicar das formas simbólicas do conhecimento humano em busca de uma representação da —alma interior que habita os acontecimentos exteriores vividos por uma coletividade^{ll}.

Ansiedade, euforia, excitação, estranhamento e medo até. A experiência de ‘estar’, de experienciar e participar, a partir do que o outro vive e experiencia, não só amplia as possibilidades do olhar, como também torna o encontro possível com o outro e com aquilo que não se é ou não se sabe. Outro olhar, um novo estar, como expôs Roberto Da Matta abaixo:

-Seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam, para parafrasear Lévi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica. E tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica, é um dado sistemático da situação.^{ll} (DA MATTA, 1987, p. 169)

A identificação do campo de pesquisa em um espaço que não é fixo e tampouco os são seus —objetos^{ll}, coincidindo com a minha fase de reconhecimento deste novo

espaço, tornou-se um desafio, pois precisava distinguir as situações e sujeitos relativos às minhas relações pessoais e aqueles que estavam de fato inseridos na pesquisa. O que não foi tarefa fácil, primeiramente por eu me incluir na categoria eleita para o estudo, como praticante das Práticas de Aventura na Natureza, e que resultou em importante dado da pesquisa a respeito dos limites do método etnográfico e suas possibilidades nas demais áreas do conhecimento.

No caso específico da ilha não havia um item que em minha observação em outros locais fundamentava a minha discussão teórica. As pessoas não precisavam necessariamente sair do ambiente urbano para estar em contato com a Natureza ou sequer estar usufruindo de momentos de lazer. As relações com caminhos naturais, paisagens e práticas corporais ocorriam em muitos casos no tempo e no espaço do cotidiano, por uma extensa área com cerca de 430 km².

Percebi que quase todos falavam um pouco dos ventos (nordeste e sul, os mais comuns, respectivamente quente e frio), das marés, das plantas, animais. Na região da Lagoa da Conceição, meu local de observação, todas estas transformações e relações são percebidas com maior facilidade devido ao movimento da água e, claro, da temperatura. Contudo, por toda a ilha as pessoas parecem atentas aos sinais do —tempoll. Mesmo os que não são nativos habituem-se ao exercício, às características do clima durante as quatro estações do ano, muito bem definidas e com condições rigorosas até, ditam as regras das relações com a Natureza e logicamente com as relações sociais, em suas nuances, esporte, lazer, trabalho etc. Mas o que seria para elas sentirem-se na Natureza? De que tipo de natureza tratava-se? E quais os fatores que estabeleciam uma relação de contato e proximidade com o ambiente natural?

Os caminhos da Ilha são muitos, diversos e o período do carnaval foi uma ótima oportunidade de presenciar isto. Os badalados clubes do norte, as tradicionais marchinhas dos blocos de rua dos bairros tradicionais, a hilariante transformação masculina nas damas do centro, as escolas de samba e ainda os pulsantes maracatu e afoxé na Lagoa. Bem forte por aqui as manifestações dos ritmos afro e dos tambores do nordeste do Brasil, corpo, som e reverência ritual aos ritmos tradicionais. Danças que parecem levar ao transe, ao êxtase, entorpecendo e arrastando multidões de jovens, velhos e crianças por todos os cantos da Ilha. A forma como as pessoas tratam

e se utilizam do corpo tem me levado a compreendê-lo a partir dele mesmo e a partir do ambiente em que estão inseridos.

Quando da definição do local para a realização do campo, entre outros aspectos que citarei mais adiante, a existência de pesquisas dentro da Universidade Federal de Santa Catarina, mais precisamente no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, que se dedicavam aos variados usos do corpo e suas correlações culturais, motivou significativamente a escolha de Florianópolis para a execução da pesquisa. Além de dados que pudessem complementar e até confrontar as informações por mim obtidas, a possibilidade de trocar experiências com outros etnógrafos e acessar o conteúdo produzido seria para mim um valioso ambiente de apoio e preparação. Desta forma, as minhas vivências nos entremeios da antropologia acadêmica passaram a ser parte inerente da construção desta pesquisa, principalmente no que diz respeito à participação nos estudos de pessoa e corporalidade realizados na disciplina de mesmo nome e nas discussões no núcleo de pesquisa TRANSES – Núcleo de Antropologia do Contemporâneo²⁸.

Este ritual de passagem, pelo qual passei, veio ao encontro de alguns anseios no que tange à minha formação interdisciplinar. Notei também, posteriormente, que se assemelhava a um processo comum descrito por muitos etnógrafos; parece ter havido uma necessidade de distanciamento total com o campo e seus nativos. Eu, que venho de lá, me vi completamente desmotivada e alheia a esses indivíduos e grupos. Imagino que além de uma crise pessoal de adaptação e de identidade propriamente, pareço ter realizado uma estratégia metodológica inversa, em que precisaria primeiramente me entender como pesquisadora e antropóloga para depois poder compreender melhor esse lugar da pesquisa etnográfica e do campo.

A primeira situação que me surgiu e para a qual precisei de algum tempo para alcançar foi a necessidade de uma maior aproximação com os meus interlocutores e com seus registros pessoais das atividades na Natureza, situação essa que exige uma relação de confiança e afinidade. Para tanto, pareceu-me essencial um aprimoramento da minha intuição e capacidade de interpretação e captação do outro. A proposta do

²⁸ Ambos coordenados pela professora Sônia Maluf, que se tornou, a meu convite, co-orientadora desta pesquisa.

trabalho etnográfico transformou, já de início e de maneira irreversível, a minha relação com o mundo e a alteridade.

O ambiente da universidade possibilitou rotineiramente a observação e o contato com diversas situações que se encaixavam na pesquisa, além de ter sido um laboratório para as primeiras entrevistas, apontando sérias dúvidas e questões a respeito da abordagem, da forma de apresentar a mim e ao tema do estudo aos sujeitos pesquisados. A maioria dos entrevistados sempre se mostrou bastante simpática e receptiva. Acreditava, neste momento, que isso se devesse talvez ao ambiente na universidade, ou ao tema da pesquisa, ou ainda por eu responder afirmativamente quando perguntada se também era uma adepta. De fato observei que um conjunto de afinidades tornava-os mais acessíveis. Posteriormente nas incursões pelas trilhas percebi inúmeras correlações com a sociabilidade que Simmel (1979) define por -forma lúdica de associaçãooll que constitui uma maneira de interação entre pessoas com comportamentos e estilos de vida parecidos, sem objetivos ou conteúdos severamente determinados, na qual a conversa e o lúdico tornam-se fins em si mesmos.

Um casal que estava sempre por ali, sentado no gramado nos intervalos das aulas ou na feirinha de alimentos orgânicos que acontece todas as quartas-feiras, relatou-me que utilizava a bicicleta como meio de locomoção, que fazia trilhas nos fins de semana e que não participava de nenhum grupo organizado. -Não gostamos muito destas reuniões e passeios noturnos feitos pela cidade. Já fizemos viagens longas de bici e curtimos realizá-las sempre os doisll. Eles conheciam outros ciclistas e não tinham receio em participar de qualquer atividade conjunta, porém apontaram que isso acontecia de forma natural, sem locais ou datas pré-definidas. Reconheciam também que há um importante movimento da bicicleta, em seus vários usos, e que este cresceu muito nos últimos anos em tamanho e força.

Este foi um rico momento em que me interroguei a respeito da relação que deveria estabelecer com os nativos, se apresentando a eles a pesquisa apenas de forma sucinta ou se dando detalhes sobre o trabalho, se deveria ou não lhes contar um pouco da minha trajetória e experiências caso lhes interessasse. Optei pela naturalidade, conforme as situações fossem surgindo e, mesmo consciente da

necessidade de atentar-me às narrativas e não aos discursos, de fato eu percebi que estava lidando com uma categoria de nativos diferenciada. São, em sua maior parte, bem informados, interessados e politizados e alguns ativamente atuantes em causas relacionadas a temas como meio ambiente e qualidade de vida.

A ilha de Santa Catarina causa um conhecido encantamento aos que por aqui aportam. Suas belezas cênicas causam uma espécie de afrouxamento das tensões. Esse vislumbre constante de lugares imensamente cheios de vida e de Natureza diversa e exuberante proporciona aos seus moradores inúmeros momentos de contemplação e observação. Estar em contato direto com a Natureza, tal como nós a entendemos, é prioridade e exercício rotineiro para muitos. Não só o corpo físico, mas toda experiência relacional entre corpo, mente e espírito, parece ser a busca central de grande parte das pessoas com quem tive contato. Parte desta experiência foi vivenciada em atividades comuns, trilhas, passeios, interligando múltiplas práticas corporais.

Seguindo as trilhas que levavam a paisagens fantásticas, ou mesmo nos locais de prática urbanos, passei a atentar para certa cordialidade diferenciada nestes ambientes. As pessoas normalmente cumprimentam-se e parecem compartilhar certa reciprocidade, parecem mais —abertas— a estranhos do que o usual. Normalmente fazem comentários a respeito do tempo ou das condições dos caminhos e recursos ali disponíveis. Comumente não há hostilidade ou indiferença, pelo contrário, parecem se reconhecer um no outro.

Simmel (1979) apresenta, em sua discussão sobre os efeitos da vida na metrópole no comportamento moderno, questões bem próximas a esses comportamentos naquilo que ele chama de —atitude *blasé*—, referindo-se a uma sociabilidade marcada pela atitude de indiferença por meio da não reação a todos os estímulos propostos pela metrópole urbana. De acordo com ele, o homem da metrópole é exposto frequentemente a inúmeros estímulos nervosos contrastantes, de rápida mudança, o que o leva a uma atitude de autodefesa, de preponderância da objetividade à subjetividade das relações. A referência ao presente estudo me parece coerente, pois mesmo que se trate de uma grande metrópole, Florianópolis possui características e locais que mais se assemelham a pequenas cidades e povoados pelo seu ambiente

bucólico, em alguns casos, e também por sua estrutura em distritos que tornam distantes e bastante diferenciados muitos dos seus bairros.

Como não se trata de período de férias, pressuponho que são moradores da ilha e isso parece facilitar a relação. No ambiente da cidade, isso se mostra um pouco diferente, impessoal. O tempo de lazer, a paisagem, o espírito de liberdade, ou todos esses fatores juntos dão a tônica da relação e aproxima o outro, o torna membro de uma mesma comunidade invisível, pressupõe mesmos gostos e atividades. Simmel contrapõe os valores e problemáticas da metrópole aos das cidades pequenas, a primeira caracterizada, entre outros, por uma preservação da autonomia, individualidade e predominância da intelectualidade e atribuindo um –retrocesso na cultura do indivíduo em relação à espiritualidade, delicadeza e idealismoll (*Ibidem*, p.23)

1.6 A trilha até a praia

Um incidente marcou de forma abrupta e simbólica o trabalho de campo. Uma fratura no nariz, decorrente de um tombo, fez com que eu precisasse realizar uma cirurgia e ficar, por ordens médicas, em repouso por quase um mês. Como o meu campo, ou pelo menos, a minha escolha metodológica, prescindia de boa disposição física, a fim de poder acompanhar os sujeitos da pesquisa, nos moldes da observação participante, este acontecimento forçou uma pausa no trabalho e conseqüentemente uma profunda reflexão sobre essa condição por um longo período. Foi um episódio bastante intenso e doloroso, pelo acidente em si, pela frieza médica durante o procedimento cirúrgico no hospital universitário e pela fragilidade e insegurança que o trauma originou.

A frase —A montanha te derrubou!!!, dita um tempo depois por um dos professores do programa²⁹, ganhou um forte significado, pois de certa forma já há algum tempo minhas experiências estavam me obrigando a rever tudo que havia feito até ali. Foi preciso entender melhor os motivos de tamanho desencontro. Por que razão aquele

²⁹ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC)

acidente ocorrera naquela ocasião e por que eu havia ficado tão assustada com os limites que o corpo pode impor? Como o risco, a aventura, as reações psicológicas e as condições exteriores influenciam na decisão da prática e nos próprios corpos dos praticantes?

Para auxiliar na minha recuperação, resolvi intensificar as sessões de terapia corporal bioenergética³⁰, que havia sido apresentada por um amigo e a qual percebi que seria de grande eficácia naquele contexto. Os atendimentos eram feitos nos intervalos das suas sessões de surfe e a cada um deles, aos poucos percebia que muito do que ele me trazia, tanto com a terapia em si, quanto com os seus relatos da sua prática, pareciam estar dialogando de perto com o meu trabalho e com todas aquelas inquietações. Temas como a susceptibilidade do corpo à Natureza, teorias sobre a inversão da energia nos dias de chuva e nos dias de sol e como isto afetava diretamente o físico e emocional dos seres humanos e o comportamento geral dos seres vivos. Até então, noções que ele utilizava na sua vida pessoal diante do mar e na prática do surfe e buscava aprofundar com os estudos tanto na faculdade de educação física, quanto na sua formação como terapeuta.

Mesmo tendo lido a respeito das inúmeras modificações que um projeto de pesquisa está sujeito, principalmente quando da experiência de campo e ciente da interferência que o mundo pessoal do pesquisador ocasiona no trabalho etnográfico, de fato, esses acontecimentos tomaram uma proporção mais ampla do que previra. —Ser afetado pelo *campoll* como postula Favret-Saada tornou-se uma característica primeira do trabalho.

-A particularidade do antropólogo, como sustentou Jeanne Favret-Saada (1990), é sua disposição e capacidade de -ser afetado por outras experiências. O que não significa, claro, que os afetos envolvidos sejam os mesmos no antropólogo e nos nativos, mas apenas que, por estarem todos -afetados, cria-se uma situação de -comunicação involuntária entre eles, o que constitui a condição de possibilidade do trabalho de campo e da etnografia. (Favret-Saada, *apud* Goldman 2008, p.10)

³⁰ Abordagem psicoterapêutica, desenvolvida por Alexander Lowen e John Pierrakos na década de 1950, com base nas teorias de Wilhelm Reich e na psicanálise freudiana. Através da prática corporal, propõe uma integração de movimentos, sentimentos e pensamentos, a fim de estabelecer a unidade da energia dinâmica que está envolvida em todos os processos da vida, considerando o ser humano desde os pontos de vista, biológico, psicológico, social e cultural.

Além de uma possível crise existencial, talvez causada por um momento de fragilidade e insegurança experimentadas nos limites do corpo, passei a entrar em contato com uma dimensão da prática corporal relacionada com a saúde e com os —cuidados de *sill*. Paralelamente, o foco na dimensão da aventura foi ficando em segundo plano. Continuava trabalhando com este universo, porém agora com uma nova perspectiva, direcionando a análise para o campo da experiência sensível, por uma correlação com a consciência de si por meio de uma maior percepção do corpo.

Foucault denomina os cuidados consigo mesmo de "tecnologias do eu" (Foucault; Sennett, 1981) para designar as técnicas que "permitem ao indivíduo efetuar, por seus próprios meios, certo número de operações em seus corpos, suas almas, seus pensamentos, sua conduta, e isso com o propósito de transformá-los, modificá-los de modo a virem a alcançar um estado de perfeição, felicidade, pureza e poder sobrenatural" (*Ibidem*, p.5).

Referindo-se à tradição histórica do ocidente e tomando a "cultura de si" como expressão da "intensidade das relações consigo", Foucault mostra que o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações inter-individuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (NERY, 1998, p.28).

Tantas observações e indagações a respeito dos corpos e sua capacidade de expressão, a necessidade de percepção e interpretação do outro, transformaram significativamente o entendimento de meu próprio corpo. Percebi que minha intuição, que em parte me levava até ali, estava me apresentado novos significados e redimensionando também o meu socioambiente, alterando de forma irreversível a minha relação com o mundo e a alteridade. Conhecer os limites do meu corpo e de como ele reagira diante daquela Natureza grandiosa surgiu a partir das questões que fizera para ser respondidas pelo outro e que extrapolaram os limites que eu havia estabelecido previamente. O corpo entendido e traduzido por ele mesmo? Seria um

deslize biográfico? Uma pretensão metodológica? De fato estas indagações trouxeram um novo rumo para o projeto.

O termo Prática Corporal de Aventura na Natureza adquiriu, pois, uma definição muito mais ampla do que havia imaginado, ultrapassando não só esporte em sua vertente *outdoor*, como também as associações com lazer e tempo livre. A Natureza exterior, lugar ideal de equilíbrio e harmonia, propicia um reconhecimento da natureza interior e impulsiona a aventura pelo reencontro consigo pelo contato com o desconhecido. Marinho (2001) afirma que parece haver um aflorar da subjetividade através de uma forma muito particularizada, com uma maior percepção de si, dos limites do corpo e das leis de equilíbrio. Além de uma maior necessidade de fusão com equipamentos e local da prática, oportunizando um estado de sensações intrínsecas à própria atividade.

A identidade diferenciada das atividades de aventura provém de aspectos práticos ou materiais e, também, de sua dimensão imaginária ou simbólica (Feixa, 1995), na qual a aventura aparece como uma cenografia e as ações são subordinadas às percepções e riscos (reais e imaginários). Durante essas situações de aventura, o corpo passa a ser um campo informacional, concebido como receptor e emissor de informação e não como mero instrumento de ação ou coação (MARINHO, 2001, p. 75).

Diante desta nova configuração, minha atenção antes totalmente voltada para as práticas corporais de montanha, trilhas a pé e de bicicleta que delimitavam o meu objeto de pesquisa, passou a tomar novo rumo. A escolha pela Lagoa se confirmava pela facilidade logística com que podia transitar entre as redes e rastrear os sujeitos da pesquisa, além de se tratar de um local onde estas práticas encontram quase sempre condições ótimas para serem realizadas. Em um dia de bons ventos é possível observar inúmeras —pipas e velasll conduzidas pelos velejadores. São de diversos tamanhos e pouco se diferenciam no formato, porém cada uma adequada para as diferentes velocidades dos ventos, medidos em nós. Quanto mais vento, menor deve ser o equipamento e assim aplica-se a lógica inversamente para menos vento. Existem uns tamanhos coringas que, supostamente, atendem às diferentes situações, mas a maioria dos praticantes sempre sonha em ter pelo menos um par delas.

Também da observação e contato com as práticas desenvolvidas nas águas da lagoa, algumas questões foram emergindo e auxiliando-me a delinear as categorias que surgiriam do trabalho. Primeiro, a constatação de que praticar tais aventuras está relacionada a um suntuoso mercado de consumo, a uma consolidação de *status*, permeada por uma ênfase no estilo de vida que alcança distintos setores da sociedade, a julgar pelo uso dos equipamentos, dos acessórios, dos carros estacionados nas escolas e guarderias.³¹

O consumo é um discurso eloquente aberto a múltiplas leituras, é mensagem, é código, permitindo aproximar e diferenciar grupos, como operador de um sistema de classificação de pessoas e espaços através de coisas. Séries de produtos, objetos e serviços se articulam, pelo consumo, a séries de pessoas, grupos sociais, estilos de vida, gostos, perspectivas e desejos (cartografias do desejo – Félix Guattari) que nos envolvem em um permanente sistema de comunicação, de poder (Foucault) e prestígio na vida social. (TRAVANCAS; FARIAS, 2003. p. 185)

No entanto, deparei-me com pessoas de menor poder aquisitivo, que relatavam ter adquirido o seu equipamento depois de grande esforço e investimento. Algumas inclusive que optaram por desenvolver atividades comerciais ligadas às práticas, principalmente na indústria do turismo, para que pudessem aliá-las ao seu projeto de vida, notadamente orientado por estas. Estes de fato me interessavam mais, estava mais atraída por uma análise de motivações que explicitassem a interação voltada para as categorias lúdico e prazer.

Tendo ainda a área e os grupos presentes na Lagoa como *locus* central, passei a olhar com mais atenção algumas —pistasll que me direcionavam a uma paisagem que, de certa forma, eu havia ignorado; estava em uma ilha, cercada de praias e caminhos que levavam até o mar, onde os relatos faziam quase sempre menção ao surfe como uma atividade paralela a todas as outras que eu estava investigando ou como uma aspiração futura e sequer havia cogitado a importância real desta prática para aquele universo. Como descreve Flexa (2007, p.30), a bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição (Bairro e balneário da Lagoa da Conceição, Praia da Joaquina, Mole e

³¹ Escolas que oferecem aos praticantes o espaço para guardar o equipamento em si e os de apoio e manutenção dos mesmos. São uma espécie de clube com sócios, sites na internet e ações de relacionamento que integram informações e serviços específicos do esporte.

adjacências) é a porção de —maior concentração da infraestrutura turístico-urbana da Ilha e considerada favorável ao surfell.

Mesmo não querendo correr o risco de generalizar, ou ter que recomeçar todo o trabalho, em busca de novas fontes, percebi que não poderia desconsiderar tantos acontecimentos que envolviam fatos isolados, mas que estavam presentes desde a minha chegada a Florianópolis. Por dividir casa com um amigo, situação comum aos estudantes, que já praticava o surfe há bastante tempo, pude presenciar conversas, treinos, meditações, assistir a vídeos, ver fotografias e em diversos momentos a prática propriamente dita. Um universo no qual eu estava inconscientemente inserida e que só começou a chamar minha atenção depois deste episódio.

A orientação para a concentração nos sujeitos que têm o surfe como prática corporal principal e a partir dele, e talvez devido a ele, buscar variadas outras formas de práticas relacionadas à Natureza surge diante destas questões. Direcionando o olhar a partir destes sujeitos e de lá expandindo para estes outros universos individuais e periféricos, abordando as PA's, mas atribuindo-lhes um sentido maior de entendimentos e significados.

Toda esta trajetória e os diversos elementos apontados pela própria pesquisa, por meio das experiências vividas no campo e direcionadas pelos sujeitos pesquisados, fizeram-me crer que seria mais produtivo apostar neste novo caminho apresentado. Ciente das implicações que uma mudança de foco poderia ocasionar àquela altura do trabalho, acreditei que ele só existia pelo fato de haver encontrado correspondência junto a diversos colaboradores³².

Já na década de 1980 apontava-se para uma relação de sociabilidade diferenciada propiciada pela prática da atividade do surfe e suas alterações na dinâmica social como descreveu Sônia Maluf:

-Mais recentemente, o surfe tem sido outra atividade de sociabilidade e convívio entre os jovens nativos, principalmente os já mais integrados a uma cultura

³² Além do caminho apontado pelos nativos, foi durante exposição de resumo no I Seminário do Projeto “Cuidados de si e políticas da vida: políticas sociais no campo da saúde e cidadania no Brasil”, que tive oportunidade de redirecionar os caminhos da pesquisa. Agradeço aos convidados do IBP (Instituto Brasil Plural) e demais pesquisadores, que trouxeram ricas sugestões a respeito da assertiva da proposta e dos possíveis aportes teórico-metodológicos, que poderiam ser utilizados no trabalho.

moderna'. Estes deixam de partilhar dos espaços masculinos tradicionais, como a venda, e passam a construir sua identidade em torno do *ethos* surfista - as roupas, o uso da motocicleta como meio de transporte, a linguagem, o consumo de maconha etc. Para eles a relação com o mar deixa de ser uma atividade produtiva ligada à pesca para tornar-se uma atividade lúdica ligada ao surfe. A maior parte destes jovens surfistas nativos trabalha na construção civil na própria Lagoa. (MALUF, 1993, p. 37)

Desse modo, chego àquilo que considero ser o objeto que buscava com a proposta metodológica do trabalho, a um grupo que tornasse possível tratar a relação homem/ meio ambiente através da percepção de sua relação cosmológica e simbólica com o ecossistema que os cerca. Tendo em vista que neste cenário o surfe passa a construir um *ethos*, a relação com o mar como atividade lúdica, fez-se necessário entender como os praticantes do surfe se percebem e a partir de que categorias organizam o discurso sobre a atividade que praticam, seus códigos, práticas, valores e sentimentos, abrindo caminhos para que a etnografia pudesse vislumbrar a que perguntas a vida destes indivíduos seria uma resposta.

CAPÍTULO II

DESAGUANDO EM ÁGUAS PROFUNDAS

Se há algo que cabe de direito à antropologia, não é certamente a tarefa de explicar o mundo de outrem, mas a de multiplicar nosso mundo, povoando-o de todos esses exprimidos que não existem fora de suas expressões (Eduardo Viveiros de Castro - O nativo relativo).

2.1 Familiar x Exótico - Do cerrado ao litoral

Realizar uma etnografia sobre o surfe e o universo simbólico no qual esta prática se insere exigiu de minha parte um grande desprendimento e o rompimento com algumas importantes barreiras culturais. De início, a distância espacial que se interpunha entre o local de onde partira em busca deste estudo. Por mais que não fosse natural do Estado do Tocantins, estava bem familiarizada com sua geografia, seu povo e com a sua localização a uma distância significativa do mar. Em seguida procurei avaliar minhas competências para desempenhar um estudo em que deveria falar de um estilo de vida que por muitos anos povoou o imaginário de muitos de minha geração e encantou, de forma mítica, principalmente aqueles que possuíam um acesso sazonal e/ou virtual a este universo.

Ambas as questões foram sendo dissolvidas a partir do que verifiquei como sendo central na antropologia, na qual, a partir da dialética entre familiar e exótico (Da Matta (1974) e Velho (1987; 1999)), é possível delimitar as fronteiras metodológicas do trabalho de campo e constituir o objeto de estudo. Tais definições adentram o campo conceitual e compõem uma discussão recorrente a respeito das distâncias simbólicas existentes entre o universo do antropólogo e o do nativo.

Da Matta (1974), dispõe sobre a necessidade, inerente ao trabalho da antropologia, de estabelecer uma ponte entre os dois universos, ou pela transformação do exótico em familiar, ou do familiar em exótico. A primeira incorre

naturalmente da apreensão de sistemas de significados que não fazem parte nem do nosso cotidiano próximo nem do nosso aparato cultural. A segunda situação, que ocorre principalmente nos estudos da sociedade que o pesquisador se insere, trata-se de —descobrir o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação (p. 30).

Inicialmente utilizada no estudo de comunidades —primitivas, em povos que viviam realidades extraordinárias, distantes e exotizadas pela sociedade europeia, a etnografia surge na França no período entre guerras na qual a elite intelectual, decepcionada com a sua realidade, buscava outros mundos possíveis, a valorização do outro. É assim, pois, uma ciência influenciada, na atmosfera estética do surrealismo, pela literatura e pela arte, com base nos domínios do erótico, do exótico e do inconsciente (CLIFFORD, 1998).

A etnografia baseia-se na técnica de observação participante e de entrevistas, que necessitam de uma necessária vivência com o universo investigado, um contato direto por um período razoável, o que para Velho —trata-se de um problema complexo, pois envolve as questões de ‘distância social’ e ‘distância psicológica’ (1999. p. 124). De fato, a maneira com a qual fui direcionada a este objeto e as categorias destacadas para a sua análise estavam diretamente relacionadas a imagens e discursos com forte influência das visões ecológicas e de revalorização do estilo de vida natural utópico-românticas potencializadas pela mídia em 1980 e 1990, elas povoavam o meu imaginário e o de muitos de minha geração.

Os moldes elaborados em —Os Argonautas do Pacífico Ocidental (MALINOWSKI, 1978), um marco do trabalho etnográfico realizado com povos da Melanésia e que, mesmo adaptado por seus sucessores e após recentes polêmicas, são uma espécie de manual da etnografia para muitos pesquisadores. Segundo eles, significa manter um contato direto com os sujeitos da pesquisa, acompanhando as atividades por eles propostas e as suas possíveis rotinas, com o auxílio dos interlocutores, sujeitos que fazem uma forma de —tradução e intermédio do grupo estudado para o pesquisador.

As entrevistas de caráter formal e informal aproveitam os acontecimentos presenciados juntamente pelos praticantes e pelo pesquisador, possibilitando a

comunicação dialógica com as narrativas e relatos da memória do interlocutor. Assistindo, na presença deste mediador, a determinado acontecimento, podem-se obter informações sîgnicas importantes daquele momento.

Assim, os registros das observações foram feitos em anotações em caderno de campo. Nas entrevistas, o único material utilizado foi o papel e a caneta, que me possibilitaram relatar e vivenciar as experiências com os entrevistados de forma bastante descontraída. Ao fim do dia, além das notas, realizava um registro das minhas observações, espécie de relatórios, nos quais as principais impressões foram escritas e algumas transformadas em parte do texto final na íntegra.

Roberto Cardoso de Oliveira (2000) descreve como sendo os três momentos diferentes da pesquisa: o —verir, o —ouvirir e o —escreverir. Durante o trabalho de campo, quase tudo salta aos olhos do pesquisador devido ao estranhamento ou à familiaridade com a cultura em questão. Por isso a importância do registro por meio de anotações e, quando possível, de instrumentos de audiovisual que facilitam a posterior identificação dos dados e impedem o esquecimento de fatos relevantes para a realização do relatório final.

Para este mesmo autor, o método etnográfico ultrapassa questões disciplinares e torna-se interdisciplinar. —(...) a etnografia tornou-se um meio de falar sobre teoria, filosofia e epistemologia simultaneamente no cumprimento de sua tarefa tradicional de interpretar diferentes modos de vida. (MARCUS; CUSHMAN, *apud*, OLIVEIRA, 2000, p. 31).

A pesquisa foi realizada, principalmente, nas praias Mole, Joaquina e Barra da Lagoa, a partir do mês de agosto de 2011, e as entrevistas de setembro do mesmo ano a fevereiro de 2012. O acesso a variados grupos foi orientado por quatro interlocutores principais, e as entrevistas estendidas aos seus amigos e pessoas da sua convivência em situações como treinos, restaurantes, campeonatos e, claro, nas areias das praias.

O trabalho de campo desenvolveu-se em duas fases, que posteriormente convergiram em um caminho só. Primeiro, avaliando os dados e relatórios dos primeiros meses de trabalho, em que passei a maior parte analisando etnografias e mapeando os sujeitos da pesquisa e, convivendo e aproximando-me indiretamente do objeto atual por meio das minhas experiências e contatos com os nativos. Após ter definido o grupo e já

em contato com os futuros interlocutores, apresentei-lhes o que objetivava, o método e a contribuição de que necessitava destes para o trabalho.

Alguns deles que já conheciam a proposta da abordagem das PA's e demonstraram-se bastante entusiasmados com esta nova proposta, dando-me total apoio para que pudesse adentrar ao mundo do surfe, inclusive incentivando-me a experimentação da prática como —essencial para o seu entendimento. Optei, desta vez, por manter uma posição inicial apenas como pesquisadora, mesmo que participante, apesar de saber da riqueza³³ que obteria sendo uma praticante. Acredito que tenha sido uma escolha importante, pois trabalhei totalmente voltada ao entendimento da prática do ponto de vista dos seus praticantes, e num segundo momento até fiz algumas poucas —incursõesll com a prancha ao mar, mas somente quando senti de fato a necessidade de “conectar-me”³⁴ à experiência sensível que eles vigorosamente descreviam. Conforme vemos mais adiante.

2.2 Sobre cascas, reis, ondas e películas

Consideravam aquele um local sagrado e celebravam cerimônias nos penhascos acima. Dava para entender por quê. Eles acreditavam que toda pedra, folha, flor e gota d'água, bem como as pessoas e os animais, encerrava uma força vital espiritual chamada mana. Todas as coisas da natureza estavam plenas de vida. Se você fechasse os olhos e ouvisse as rochas estrepitando e rangendo, era como se Pe'ahi tivesse uma voz (CASEY, apud RODRIGUEZ, 2012).

O texto acima foi retirado de uma matéria de revista, na qual a autora do livro —A ondall, Susan Casey, falando sobre a praia havaiana de Pe'ahi, conhecida como Jaws, conta como o mar era visto pelos antigos nativos. O surfe, como é conhecida a prática de deslizar sobre a superfície das ondas do mar utilizando uma prancha³⁵ apropriada

³³ Ver trabalho de BANDEIRA; RUBIO (2011) em que as autoras, estudando questões de gênero, corpo e Natureza no surfe paulistano, iniciam-se na prática do surfe e descrevem de maneira primorosa aspectos das relações estabelecidas com os nativos, no “outside”, espaço em que os surfistas se posicionam para pegar as ondas e que de acordo com as autoras, define um importante espaço de sociabilidade.

³⁴ As palavras entre aspas e em itálico correspondem às expressões e trechos das entrevistas, na íntegra.

³⁵ A maioria das pranchas é feita de poliuretano.

para flutuação e realização de manobras na água, é comumente integrado ao grupo de esportes designados como atividades de aventura na natureza, desportos californianos, esportes de aventura, atividades deslizantes na natureza, *outdoor adventure recreation*, esportes radicais, entre outras (Zimmermann, 2006, p.2). Entretanto os seus nativos a entendem principalmente como uma filosofia, um estilo de vida, que insere uma série de outros aspectos, entre eles o esportivo.

A história do surfe remete aos povos polinésios, habitantes das ilhas que compõem o Havaí. O desenvolvimento desta prática surgiu em consequência da pesca, atividade básica destes povos, e do contato latente e habilidoso com o mar. Alguns apontam para a possibilidade de que povos do litoral norte peruano tenham sido os responsáveis pela -invençãoll do esporte devido a vestígios de que estes utilizavam de embarcações de fibra de junco para deslizarem sobre as ondas. No entanto, as divergências não evoluem e o pioneirismo ainda é atribuído aos polinésios. Para estes povos, o mar, a praia e demais paisagens, mais do que ambientes fonte de sobrevivência, possuem um significado de extrema importância, constituindo-se como elemento estruturante de sua sociedade.

o surfe parece ter em suas origens uma ligação muito estreita com a própria cultura do povo polinésio, pois foi nesta nação que a modalidade se desenvolveu como um típico comportamento cultural, uma verdadeira instituição transmitida de geração em geração entre os povos polinésios [...] Foi através de expedições marítimas e de enormes habilidades para tal, que, há mais de 3.5000 anos, o povo polinésio começou a sua história de amor com as ondas, os ventos e as correntes marítimas do imenso oceano Pacífico (KNIJNIK; CRUZ 2010, p. 61).

Por volta de 1790 a 1800, na costa de Kona, no Havaí, o rei polinésio Kamehameha I aprendeu a surfar e foi o grande responsável pela unificação das ilhas havaianas em um só reino. No local, descoberto anos mais tarde pela esquadra do capital James Cook, o surfe era praticado por todos, porém era considerado um —esportell dos reis, que distante das —atividades no campo, vilas e da pesca, podiam desfrutar inúmeras horas no mar surfando" (ÁRIAS, 2003, apud KNIJNIK; CRUZ, 2010). A realeza havaiana utilizava pranchas esmeradamente feitas da madeira de coqueiros, sendo eles os únicos que surfavam em pé; seus amigos mais chegados podiam desfrutar de outros tipos de pranchas, pequenas e mal acabadas, sendo que aos

demais súditos era interdita a prática, numa hierarquia da prática esportiva. (SOUZA, 2003 *apud* CECATTO, 1999)

Raoni, 28 anos, praticante e instrutor de surf, natural de Brasília-DF, filho de pais carioca e maranhense, relata-me sobre a história provável do surfe: *“Os caras iam pescar e voltavam pegando onda com as canoas e remos. No Hawaii as pessoas se reuniam nas praias pra ver os mais fortes descendo as ondas. James Cook descobriu o Hawaii e se impressionou com os nativos „surfing the waves”.*

O surfe tornou-se conhecido através do havaiano Duke Paoa Kahanamokou, campeão olímpico de natação que viajou o mundo em competições e divulgou a prática. —Ao vencer os jogos de 1912, em Estocolmo, o atleta disse ser um surfista e passou a ser o maior divulgador do esporte no mundo. Com isso o arquipélago e o esporte passaram a ser reconhecidos internacionalmente. Após a vitória nas Olimpíadas, Duke introduziu o esporte nos Estados Unidos e na Austrália com grande sucesso. (KNIJNIK; CRUZ, 2010, p. 62). Na Califórnia, o surfe foi impulsionado pelos primeiros campeonatos nos anos 1920. As pranchas inicialmente feitas de madeira bem pesada, com medidas de até 6 metros e peso de aproximadamente 60 quilos, exigiam muito esforço do atleta e limitavam a prática aos mais fortes.

A fabricação das pranchas, seus tamanhos, formas e sua origem, representam um importante fator na prática e no desenvolvimento do surfe. As tecnologias empregadas, desde os primórdios da sua difusão pelo ocidente no início do século XIX, até as atuais tentativas de produção com materiais não poluentes e biodegradáveis, fazem das pranchas o instrumento de viabilização e identificação da prática e ao mesmo tempo de distinção dentro do universo.

Souza (2003) faz uma ampla descrição da história e desenvolvimento do surf, passando pelo progresso tecnológico que possibilitou a fabricação de pranchas cada vez mais leves e roupas para a utilização no frio, até a sua propagação pelos quatro continentes, por meio das viagens de aventura, e sua chegada ao Brasil por volta de 1938, em Santos-SP. Destaca também a importância da indústria cinematográfica para a divulgação do esporte nos anos 1950 e 1960 e a entrada nos meios de comunicação e canais publicitários, além das informações meteorológicas que informam até hoje

dados específicos a respeito das condições das ondas. Como analisa Melo; Fortes (2009, p. 285):

Assim, os meios de comunicação exerceram papel central na expansão da visão hedonista do surfe para além da Califórnia, atingindo um público juvenil de diversos países e contribuindo para configurar estilos de vida. Devemos lembrar que a essa altura a cultura de massa já fornecia os -modelos dominantesll de referência aos adolescentes – ocupando o lugar que era anteriormente da família e da escola (MORIN, 1997, p.157). Cinema, revistas, rádio, televisão (e futuramente a internet) integraram- se, cabendo à produção audiovisual sempre um lugar de destaque.

Os relatos sobre o início da prática no Brasil são marcados por polêmicas e discussões, mas os autores que tratam do assunto, que intercalam imagens veiculadas em revistas da época e depoimentos de alguns poucos veteranos, acordam que de fato as primeiras pranchas foram trazidas para o sudeste do país por jovens de classe média alta. Assim, consta que —a partir de 1966 no Rio de Janeiro, em plena época de ditadura militar, as pranchas de fibra de vidro invadiram o Brasil, e o número de praticantes cresceu rapidamentell. (SOUSA 2003, p. 108). Por meio da forte influência da contracultura o número de adeptos cresceu significativamente, mesmo com as repressões —devido ao aspecto marginal com que o surf era abordadoll. (Ibidem). Assim entendo que a relação como o movimento da contracultura explica muitos destes valores, como explicitou Gilberto Velho:

Como se sabe o movimento denominado de contracultura caracterizava-se por uma rejeição de um modo de vida convencional em que os valores familiares, educacionais e de trabalho eram duramente criticados, quando não rejeitados em princípio. Enfatizava-se por outro lado uma concepção de mundo em que a liberdade amorosa, sexual, o comunitarismo, um certo tipo de hedonismo e o descompromisso com objetivos materiais eram marcantes. De modo geral, a música era um elemento forte e constitutivo de seu modo de vida, sempre enfatizando uma dimensão lúdica. (VELHO, p.86)

Neste contexto, apresenta três importantes características do estilo de vida surfe, os —cuidados com o corpo e com a almall, a —valorização da ideia de naturezall, popularizando ainda mais o exercício físico como forma de ocupação do tempo livre, principalmente aqueles em contato com a Natureza e a -influência do imaginárioll fortemente presente nos filmes e na comunicação especializada. Melo; Fortes (2009)

fazem um estudo sobre filmes produzidos no Brasil na passagem da década de 1970 para 80, analisando de que modo estes retrataram e orientaram costumes e valores da época relacionados ao surfe.

A análise do mais popular deles, o filme —Menino do Rioll (1981) de Antônio Calmon, deflagra a gestação de —uma nova cultura hedonista do surfell que difundiu seus ideais rapidamente, principalmente através dos filmes hollywoodianos. —A exibição de imagens que buscavam a integração homem-natureza e a sensação de emoção como opções estéticasll, que seriam futuramente utilizadas por programas de televisão por meio de —indivíduos antenados com a natureza, amantes de um estilo de vida simples e despojado do aparato tecnológico da cidade (...). Vemos ainda cenas de skate e de voo livre apresentados como esportes desdobramentos do surfe.ll Consequentemente a isto, aliam-se a indústria de serviços e produtos que cultuam esse mesmo ideal como —a jardinagem como hobbyll e a —valorização de restaurantes de comida natural/macrobióticall (*ibidem*, p. 290).

Para alguns, alinhar-se com a ideia de contracultura significava sair de casa e recusar valores estáveis tradicionais. Essa defesa de uma -vida nômade e libertárial se articula plenamente com uma certa representação da prática do surfe, algo bastante presente em muitos dos filmes nos quais tal esporte esteve inserido, relacionado a ideias como as de desapego dos bens materiais, de opção por uma vida simples junto à natureza e de realização de viagens com os amigos (CARMO, 2001; ROSZAK, 1972 *apud* MELO; FORTES 2009, p. 284).

2.3 Ecologia X “Ecologismos”

A viagem representa para o mundo do surf um elemento de grande valia. As conhecidas *surf trips* configuram o contexto ideal para a prática do surfe e um dos principais objetivos e prazeres dos seus praticantes. Conhecer lugares paradisíacos e isolados, surfar “*ondas perfeitas*” corresponde ao êxito e aprimoramento da prática como um -rituall que precisa ser atualizado de tempos em tempos. “*Viajar pra pegar onda possibilita conhecer outras culturas, ainda por cima por meio de hábitos saudáveis.*” (Raoni)

As imagens dos vários filmes de surfe conduzem os expectadores aos melhores locais do planeta para a prática, às ondas mais cobiçadas, que em alguns casos só são possível de serem surfadas por surfistas de ponta, ‘prós’, pelo grau de dificuldade ou por distâncias, dificuldades de acesso ou questões econômicas, mas a maioria deles conduz seus projetos de vida a fim de atender essas expectativas e fazer várias *trips* em busca das melhores e mais fabulosas ondas. Como afirma um dos entrevistados.

“A minha prioridade é viajar, ir pra um país remoto, sem saber onde vai ficar... o lance é a descoberta, a descoberta da onda. O melhor do surf é viajar com os amigos. Já viajei Peru, Marrocos, Ilha da Madeira... Eu não gasto com nada. Meu dinheiro todo vai direto pro aeroporto... Em 77, viajei pela América Central, daí voltei picado, viciado por viagem. Conseguí dinheiro vendendo prancha de surfe usada e calção, que era novidade naquela época. Surfista ia pra praia e ficava lá vários dias sem luz elétrica. Balneário Camboriú era como o Rio, cheio de prédio, por isso rendeu sempre vários surfistas. Eu passei no vestibular e fiquei 6 meses pra começar a estudar. Alugávamos casa só pra surfista, acordava cedo, fazia um mingau de aveia, mó frio... Quando ia pro Chile, trabalhava na estação de esqui e snowboard e mais mingau de aveia pra surfar na neve.” (Carlos, 56 anos, natural do Rio de Janeiro, surfista há mais de 15 anos)

Carlos é um dos pioneiros do surfe que partiram em direção às praias do litoral de Santa Catarina. O seu contato com o surfe aconteceu na efervescência da prática no Pier de Ipanema, *-pico da cultura e contracultura*” no Rio de Janeiro do início dos anos 1970. *-O sonho de todo surfista é viajar e tá em Floripa. Já era uma viagem. Era todo fim de semana em Imbituba. Em 74, Imbituba era a meca do surfe no Brasil. Era como ir pro Havaí. Em 76 eu vim pra Floripa”* (Carlos). Silveira faz um panorama da época:

Antes, nos anos 70, uma série de jovens descobriram os encantos do litoral catarinense: Garopaba, Praia do Rosa, Florianópolis; um paraíso alternativo para jovens urbanos em busca de aventuras. As praias de Santa Catarina passaram pelo mesmo processo que outras regiões do litoral brasileiro como Jericoacoara (CE), Canoa Quebrada (CE), Arembepe (BA) -, a cantora Janis Joplin passou por lá em 1970, assim como Mick Jaegger. Até hoje existe nesses lugares algo que lembra os anos 60 e 70. Florianópolis conserva um certo ar alternativo – na Armação encontrei na feira, um rapaz vestido a rigor

para o Festival de Woodstock, junto às mulheres nativas; donas e donos de casa gaúchos, catarinenses de outras cidades, paulistas, cariocas, argentinos – preocupados em fazer boas escolhas entre os vegetais - que elegeram a cidade como local de moradia. A ilha como palco de diversidade cultural, sujeitos de diferentes origens, com estilos de vida e visões de mundo diversas interagindo no espaço da feira. Há na ilha, entre os seus habitantes estrangeiros algo de alternativo e até certo ponto, de despojamento: uma vida mais simples num lugar pacato e bucólico (SILVEIRA, 1996, p.39).

A ecologia surgiu em 1866, quando o biólogo alemão Ernest Haeckel propõe uma disciplina científica para estudar as interações entre as espécies animais e seu ambiente orgânico e inorgânico. Durante a sua história, a ecologia foi utilizada por diversas abordagens epistemológicas e adaptada de acordo com o interesse de seus agentes e adquiriu inúmeros derivados como ecologia econômica, ecologia de paisagem, ecologia humana, de indivíduos e ecossistemas, entre outros (JOLY, 2010, p. 1). A ecologia, enquanto campo social, aparece a partir da análise das relações exploratórias do homem com o meio ambiente e adquire assim um caráter transdisciplinar, perpassando as ciências naturais, sociais e humanas e incitando uma rearticulação das ações do homem em sua integração com a Natureza.

Como confirmam os autores abaixo:

A convergência temporal, o compartilhamento de um mesmo período histórico entre essas duas expressões nos encoraja a reiterar a ideia de relações recíprocas entre ambos. O final da década de 60 e início de 70 é apontado como o período histórico que marca simbolicamente o início da ecologia como um movimento social integrado e de alcance internacional. Do mesmo modo, a expansão dos esportes na natureza é identificada neste período como um novo comportamento esportivo em âmbito mundial (DIAS; ALVES, p.3).

Nos anos 1960, surge uma nova faceta do movimento ecológico contrária à antiga ideia de proteção da Natureza que predominava no século XIX com a noção de mundo selvagem e intocado. Neste mesmo contexto pós-industrial, a ecologia emergiu como um movimento ideológico em que as ações humanas passaram a ser pautadas pelo uso racional dos recursos naturais. Por isso, afirma (YÁZIGI apud, CORIOLANO 2006, p. 29), —o prefixo *eco* pretende ter um efeito moralizantell.

Essa nova faceta, advinda das agitações estudantis de 1968 na Europa e Estados Unidos, criticava o consumismo e defendia importantes questões humanitárias, como o antimilitarismo, o pacifismo, os direitos das minorias e a ecologia; relacionava-

se com a contracultura, o movimento *hippie* e o retorno ao campo e às comunidades. Desse modo, a ecologia é absorvida pelo capitalismo ou para se tornar produto de consumo ou como bandeira de movimentos políticos. A Natureza ganha um *-ethos ambiental*ll como sugerem Tavares; Irving (2010, p. 13), e seguem:

segundo a lógica de um Ecopoder, em um contexto onde a natureza é deslocada, e ressignificada, na passagem da disciplina para o controle, o que, por sua vez, vem refletindo e produzindo a *-subjetividade verdell*, como um *modo de ser* (*-agir ecologicamente corretoll*), agora também redefinido pelas questões ambientais e econômicas, segundo um Ecopoder, como um desdobramento do Biopoder (HARDT & NEGRI, 2001), do qual todos os atores sociais se utilizam e apropriam. (Ibidem)

Como um fenômeno social, a contracultura, que se fortificou nos anos 1970, possuía um contexto de atuação em áreas da política e economia e alargou-se por diversos países em diálogo com as —peculiaridades locais. A contracultura e os movimentos em reação ao sistema capitalista vigente, caracterizados pelo *American way of life*, valorizavam a vida em contato com a Natureza, —ao ar livrell, as viagens a lugares paradisíacos e —intocadosll, entre eles o Havaí, —meca do surfell (SOUZA 2003, p. 104). A acentuada recusa de dos valores da geração anterior; a presença de jovens de classe média, sobretudo estudantes universitários, entre os principais agentes; a contestação e a reivindicação de mudanças para superar o capitalismo e a tecnocracia; a aproximação com o misticismo e com visões mágicas de povos que privilegiam a integração e a união (e não a conquista) da natureza; o uso de drogas com sentido de autoconhecimento e autopercepção. (BOOTH, 2001; CLARKE, 1976; ROSZAK, 1972, *apud* MELO;FORTES 2009, p. 284).

De posse de dados como estes, procurei ter alguns cuidados com as entrevistas no que tange ao domínio do discurso, sabidamente influenciado por um —ecologismoll que automaticamente aliavam quando da descoberta de que a pesquisa se inseria no campo das ciências do ambiente. Percebi que as narrativas eram direcionadas todo momento para a problemática ambiental a respeito do ativismo ambiental presente na maioria dos casos, das participações em eventos e manifestações e dos relatos que reproduziam conceitos como —desenvolvimento sustentávell, —educação ambientallll, entre outros. Citavam as inúmeras instituições de surfe ligadas à preservação

ambiental, a utilização de pranchas fabricadas com material biodegradável e a importância do surfe para as praias, entre outros.

Fui convidada para participar da reunião de uma associação de surfe de uma das praias, cuja sede é anexa a uma lanchonete na beira do mar. Quase todas elas possuem uma associação, que, dentre outras atribuições, organiza campeonatos, promove eventos de surfe e busca envolver a comunidade geral sobre as questões socioambientais da praia em ações como mutirões de limpeza, mobilizações contra construções e empreendimentos, além de segurança, comércio etc.

A associação, fundada em 2004, tem cerca de 60 cadastrados, e a maior parte dos participantes que se envolve engajadamente é nativa. A reunião discutiu assuntos como a profissionalização do esporte, a estrutura da sede, a atração de novos associados, a não vinculação com políticos locais, campeonato e sobre a necessidade de manter nas ações a *essência* do surfe sem se deixar influenciar por questões econômicas. Alguns demonstravam mais entusiasmo e inclusive diferenciavam os verdadeiros surfistas, “*surfistas de alma*” daqueles que surfavam apenas por modismo, defendiam a —ideologia do surfell, numa espécie de mística lírico-moral.³⁶

“No campeonato de surfe estudantil, tem o envolvimento com os pais e professores. Geralmente tem mutirão de limpeza e incentivo a questões ligadas à praia” (Lucas, manezinho e presidente da associação de surf local).

Presenciei uma etapa do campeonato nacional, realizado na praia da Joaquina, e quase todos os sujeitos da pesquisa estavam presentes, ou trabalhando, ou assistindo. Há opiniões polêmicas sobre os campeonatos. Apesar de considerarem a importância destes para a propagação do —esportell, muitos falam de uma mercantilização e desvirtuação da *essência* do surfe. Por outro lado, observa-se uma revalorização do antigo, da velha escola do surfe, com a volta do pranchão, de estilo retrô com pranchas pequenas e largas. Além do surgimento do *SUP – Stand up Paddle*, nos últimos anos, em que o surfista fica em pé na prancha que tem um tamanho bem maior que as outras e utiliza um remo.

³⁶ Fortuita observação do Prof. Rogério Azize.

“Na escola nova tem mais manobras aéreas, vindas do skate e dos demais esportes de prancha. Os jovens curtem mais, fazem uns aéreos mais arriscados, „reckless”³⁷. Mas a escola antiga tá voltando’. É um surfe mais clássico, mais lento, com uma quilha, as fish com 4 ou 2 quilhas. Até o famoso jacaré tá na moda de novo, só que agora é chamado de body surf.” (Carlos)

Pela manhã, ondas, surf profissional, imprensa e uma estrutura que movimentou a praia com a aura do surfe. Uma indústria de grande porte, com patrocinadores de peso e um forte apelo para a „sustentabilidade”. „Surfe pelas florestas” é o slogan. As pontuações obtidas nas ondas surfadas correspondem a um número para o plantio de árvores. Barracas de educação ambiental, projeto de salvamento de tartarugas marinhas para visitação das escolas e a oes de limpeza na praia, al em de muito material publicitário. Apesar da música, do narrador e todo o clima festivo de um campeonato, entre os surfistas o comportamento geral   de concentra o e silêncio, observa o atenta, e o “rififi” fica por conta dos inúmeros expectadores.

“Back side, rasgada, cut back, floater, reverso, batida”, as línguas se misturam e definem as manobras, enquanto seguem as baterias, etapas da competi o. As expressões em inglês –falaml muito a respeito do mundo do surfe. Não só os termos utilizados em campeonatos, mas os filmes e veículos de comunica o destinados ao público são em sua maior parte produzidos em língua inglesa e definem o diálogo cotidiano da prática. Também utilizadas para o surfe-treino, em uma técnica que chamam de vídeo-análise, as imagens permitem observar os desempenhos pessoais e são feitas em alguns casos por profissionais contratados.

A indústria envolvida com a prática do surfe tem investido nesse conceito de vida -ecofriendly³⁸ em que se insere o surfe e, entre diversas organiza es, entidades e a oes voltadas para a difusão da preserva o ambiental, recentemente foram criadas as –Reservas do Surfell. São reservas ambientais mundiais que –identificam proativamente, designam e preservam ondas em circula o, zonas de surf e de seus ambientes circunvizinhos ao redor do mundoll,³⁹ com o objetivo de destacar as

³⁷ Imprudente, descompromissado.

³⁸ Termo utilizado pela m dia especializada para designar os simpatizantes das causas ambientais.

³⁹ Tradua o livre do texto de apresenta o no site: <http://www.worldsurfingreserves.org/>

vantagens ambientais, culturais e econômicas do surf nas comunidades das áreas circundantes a estas reservas.

A preservação dos ambientes destinados ao surfe e as práticas ecológicas que essa comunidade emprega dão indicativos de valorização do ambiente em que tais práticas se desenvolvem e também de territórios que constituem a identidade do surfista. A proteção de territórios que se expandem com as implicações inerentes à globalização e a internacionalização dos ambientes passam a serem ações coerentes para que estes não corram o risco de fragmentar-se e diluir-se.

2.4 A origem das “coisas”

Na civilização ocidental, a dicotomia natureza/cultura criou, entre outros, uma distinção entre as atividades desenvolvidas nos ambientes naturais e aquelas destinadas aos espaços sociais. Essa —visão de mundoll naturalista⁴⁰, distanciada da unicidade cultura e meio ambiente, pode acarretar uma aparente atitude conservacionista, porém à custa da -desterritorialização da subjetividade humanall (GUATARRI, 1990) e de uma integração ecológica superficial. Um processo de racionalização da modernidade que ocasionou um —desencantamento do mundoll (MOZINE 2010), por meio do surgimento de um espírito capitalista, motor da visão de mundo dominante no ocidente a partir do século XVIII, mas que possui suas raízes nos dogmas religiosos fortificados no século XVI, como a vocação e a predestinação, além do ascetismo antes existente.

Frequentemente algumas fronteiras do pensamento científico parecem ser transpostas primeiramente pela busca por suas delimitações conceituais, seguidas pelas críticas que refutam e ou reiteram tais lógicas, e finalizam rumo a uma retomada da discussão que transforma linhas de fraturas em pontos de intersecções e em prováveis mutações. A esta dialética assemelham-se também as discussões acerca de

⁴⁰ Para melhor entendimento, termos da ecologia simbólica e práticas sociais, ver Philippe Descola em: DESCOLA, P. e PÁLSSON, Gísli (org.) (1996).

meio ambiente natural, cultura e sociedade presentes no pensamento contemporâneo.

Para Weber, a sociedade,

Desenvolveu um método sistemático de conduta racional com o propósito de sobrepujar o **status naturae**, de livrar o homem do poder dos impulsos irracionais e de sua dependência do mundo da natureza. Tentou sujeitar o homem à supremacia de uma vontade determinada, colocar seu agir sob constante autocontrole e cuidadosa consideração de suas consequências éticas. (WEBER, 2001, p. 88, apud MOZINE, 2010, p. 12)

Para muitos dos pensadores clássicos, natureza e cultura são temas recorrentes na história da ciência, e suas posições de polaridade aparecem de forma explícita na produção do conhecimento humano ao longo da história. Desde a filosofia da antiga Grécia, passando pelas ideias advindas com a religião judaico-cristã e a revolução da ciência no fim do século XVI, até os dias atuais, estes são domínios amplamente discutidos nos espaços da epistemologia e da moral. Ora com a predominância de um e dos seus possíveis métodos de verificação, ora com a tentativa de não-reificação de ambos e seus ainda recentes desdobramentos.

Para apreender parte desta lógica paradigmática é necessário refletir sobre seu percurso teórico e historicamente, além das outras lógicas que a permearam, mesmo que de forma sucinta, a fim de explicitar de maneira contextualizada o eixo central que concerne à análise da relação do ser humano e o meio ambiente, por intermédio de sua cosmologia. É lugar-comum a afirmação de que a cosmologia ocidental dessacralizou⁴¹ e —coisificou o mundo, compartimentando sujeito e objeto em locais distintos e retirando a subjetividade das relações com o mundo natural. As dicotomias e dualismos — homem/natureza, sujeito/objeto, razão/emoção, humano/animal — tomaram forma de acordo com o momento histórico e tornaram-se conceitos fundamentais para a análise das sociedades que os fundaram.

Antes de Platão e Aristóteles, época em que os filósofos pré-socráticos habitavam a Grécia antiga, não se colocava a questão da oposição entre corpo e alma. As concepções de filósofos gregos como Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), Parmênides de Eleia (c.530-460 a.C.) e Empédocles de Agrigento (c. 490-435 a.C.)

⁴¹ Reichel-Dolmatoff (1993) cita a discussão de Max Weber e a Escola de Frankfurt sobre a modernidade e o “desencantamento e dessacralização do mundo”.

estavam estreitamente ligadas a uma cosmologia muito particular, assim como se encontravam ligadas a uma física dos quatro elementos (água, terra, fogo e ar) em que eles poderiam ser separados e reunidos sem que houvesse efetiva oposição e distinção. Pode-se dizer que nessa época a alma e o corpo não se opunham como será o caso mais tarde. (CARDIM, 2009, p.20).

No mundo grego, o corpo detinha um importante papel, os cuidados com sua forma e alimentação aliavam-se à busca pela harmonia entre saúde e o meio circundante. Mesmo não sendo atribuída a estes filósofos a origem da dicotomia homem/natureza tal como é vista hoje, as concepções platônicas a respeito da importância do mundo das ideias (alma/divino) em detrimento do mundo material (corpo/humano), em que tal oposição relacionava-se ao pensamento verdadeiro, real; bem como o pensamento de Aristóteles em que o homem não seria puramente natural, apesar de pertencer à Natureza, pois deveria transcendê-la, a fim de guiar suas experiências pela razão, romperam com a unidade presente no mundo antigo. A alma - *anima* tornou-se um princípio vital presente em todos os seres vivos, porém o homem diferenciava-se naquilo que consistia o domínio da *práxis* exercida na vida ética e política.

O homem grego, ensina Giorgio Agamben, conhecia duas palavras para designar vida, *Zoe* e *Bios*. A 1ª expressava a vida que compartilhamos com os outros seres vivos, uma 'vida nua', natural, enquanto que apenas a segunda poderia indicar a vida civilizada, ou seja, a vida humana propriamente dita, âmbito onde a questão política do bem viver poderia ser discutida (FERREIRA, 2002. p. 6).

Durante a Idade Média, a hegemonia e expansão do cristianismo trazia à tona a —verdade da vida por meio da religião e dividia o mundo em dois polos distintos, o sagrado e o profano. A igreja e o império romano lutavam contra as religiões pagãs e suas formas de culto ao natural, reforçando o distanciamento que se devia ter das —coisas do mundo. Tal separação se intensificaria pelo —mito do paraíso perdido, como afirma Diegues (2008).

A concepção cristã de paraíso, existente no final da Idade Média e no período anterior ao descobrimento da América, era de uma região natural, de grande beleza e rigorosamente desabitada, de onde o homem tinha sido expulso após o pecado original. No imaginário ocidental, ela poderia estar numa ilha ou em terras desabitadas além das

Colunas de Hércules. A descoberta do paraíso terrestre estava entre os objetivos das viagens do descobrimento (GIUCCI, 1992, *apud* DIEGUES p.29).

A influência do pensamento de René Descartes (1596-1650) na revolução da filosofia e da ciência, que se iniciaram neste período, transformaram sobremaneira a compreensão do homem sobre si. A crítica às ideias aristotélicas e ao cristianismo parte do princípio da racionalidade humana, diferenciando-o do animal, e anunciando a oposição radical entre sujeito e objeto, delimitando-os como espaços de interioridade pensante e exterioridade mecânica. Suas definições a respeito da construção do saber a partir dos métodos de instrumentalização do conhecimento incidiam em aspectos do conhecimento da Natureza para seu domínio (CARDIM, 2009).

No entanto, o —mito do paraíso perdido, do qual trata Diegues, perdurou por longo período, dando contorno inclusive ao modelo conservacionista dos primeiros movimentos ambientais, que têm como símbolo maior a criação dos parques e unidades de conservação. A alteração deste cenário começa a se transformar na pós-modernidade com a expansão do mercado internacional e das fronteiras políticas, bem como com a demanda por atividades voltadas ao lazer e ao tempo livre, impulsionando o desenvolvimento da atividade turística e de seus derivados.

Dessa maneira o ser humano ocidental passa a tratar a Natureza como algo separado dele, apoiando-se inicialmente na racionalidade técnico-científica, passando pela postura etnocêntrica da ideia de desenvolvimento e progresso e pela utopia do naturo-centrismo dos ecologistas, culminando com a crise de civilização, denominada por Fritjof Capra (1983) de —crise de percepção (PANOSSO, 2010). Capra, em —O Ponto de Mutação, estabelece as seguintes condições para um redirecionamento desta crise perceptiva:

a consciência ecológica somente surgirá quando aliarmos ao nosso conhecimento racional uma intuição da natureza não-linear de nosso meio ambiente. Tal sabedoria intuitiva é característica das culturas tradicionais, não letradas, especialmente as culturas dos índios americanos, em que a vida foi organizada em torno de uma consciência altamente refinada do meio ambiente. Na corrente principal de nossa cultura, por outro lado foi negligenciado o cultivo da sabedoria intuitiva. Isso pode estar relacionado com o fato de que, em nossa evolução, ocorreu uma crescente separação entre aspectos biológicos e culturais da natureza humana. (...) Essa separação manifesta-se numa flagrante disparidade entre desenvolvimento do poder intelectual, o conhecimento científico e as qualificações tecnológicas, por um lado, e a sabedoria, a espiritualidade e a ética, por outro. (CAPRA, 1983, p. 30, *apud* PANOSSO, 2010:29

CAPÍTULO III

OUTSIDERS E O LUDUS DA NATUREZA – LIMITES E EXPRESSIVIDADES DO CORPO

-Os sentidos são instrumentos de brincarll (Rubem Alves)

3.1 “Corpo-oralidade”

—O homem assinala seu caminhar pela terra através das vias da natureza e da cultura, desse modo, relaciona-se com seu próprio corpo, com outros seres vivos e com o mundo circundante. Cleide Riva Campelo (1996, p.15) inicia dessa maneira a obra que relaciona o corpo do homem contemporâneo com a cultura através de um estudo semiótico da identidade cultural inscrita no corpo humano, e a linguagem por ele expressa. Corresponde, pois, a um exemplo de como as ciências sociais utilizam-se do corpo para apreender aspectos das relações sociais, econômicas e culturais desenvolvidas pelo homem em seu meio. De acordo com Vaz:

[...] a *simbólica* do corpo em seus aspectos mais diversos é, indiscutivelmente, um dos polos organizadores do imaginário social das sociedades conhecidas e, particularmente, da sociedade contemporânea... Não se trata do corpo enquanto entidade físico-biológica, mas do corpo enquanto dimensão constitutiva e *expressiva* do *ser* do homem (VAZ, 2006, p. 157).

Assim, a partir das concepções de corpo como um orientador para as reflexões sobre Natureza e relações humanas, as práticas corporais e as vivências sensoriais em ambientes naturais são objetos de investigação de grande interesse da ciência como um todo. O precursor desta corrente de pensamento é o antropólogo francês Marcel Mauss que, no início do século XX, fez um estudo das técnicas do corpo nas diferentes

sociedades humanas, exemplificando como o corpo é pensado e utilizado de maneiras diferentes de acordo com a formação histórico-social de cada povo.

Mauss (1936), em sua obra —As técnicas corporais, descreve —as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos, abrindo espaço para um terreno que possui hoje uma enorme variedade de estudos e pesquisas e, cujo estudo, continua sendo a principal referência para a maioria dos trabalhos relacionados à corporalidade.

Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico)... Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis o que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de sua técnica e muito provavelmente pela transmissão oral... O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar em instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, do homem, é seu corpo (MAUSS, 1936, p.407).

A comparação de culturas realizada nesta obra através da análise das diferentes técnicas corporais define-as como: -fato social total, abordando as várias dimensões da experiência social e individual por meio do conceito de *habitus*⁴², e possui um caráter fundador nos estudos desta natureza, como analisado por Sônia Maluf.

Múltiplas abordagens etnográficas têm descrito concepções da Pessoa e do corpo contrastantes com o modelo dualista. Em diversas sociedades, a noção de corpo não é delimitada pelo corpo físico ou biológico, estendendo-se para além deste. Assim como em muitas cosmologias específicas, o corpo pode sofrer todo tipo de metamorfose, deslocamentos de tempo e de espaço, que as concepções científicas modernas não admitiriam. Existe ainda uma vasta discussão sobre a simbólica do corpo, suas partes, o interior e o exterior, os fluidos corporais que se articulam com diferentes representações do puro e do impuro, das obrigações e interdições etc., e que demarcam diferentes concepções do corpo na cultura (MALUF, 2001, p. 91).

⁴² Bourdieu toma de Mauss o conceito de *habitus* como repetição de práticas corporais inconscientes e mundanas. Procura assim ultrapassar o dualismo Lévi-Straussiano entre estruturas mentais e o mundo dos objetos materiais. O objetivo metodológico de Bourdieu para uma teoria da prática é delinear uma terceira ordem de conhecimento para lá tanto da fenomenologia, como de uma ciência das condições objetivas da possibilidade da vida social (*in* CSORDAS, 1990). Ou seja, passar da análise do fato social como *opus operatum* para a sua análise como *modus operandi*. Pretende claramente acabar com a dualidade corpo-mente e signo-significado através do conceito de *habitus*. (ALMEIDA, Miguel Vale de, “O corpo na teoria antropológica”. *In*: Revista de Comunicação e Linguagens, 33: 49-66 2004)

A extensa história de análise do corpo integra as dimensões de materialidade e imaterialidade propostas pelos pensamentos dualistas e acompanham as séries de descobertas e avanços dos domínios intelectuais. Christine Greiner (2005) e Leandro Cardim (2009), que investigaram de que forma o corpo tem sido entendido e estudado pela ciência ao longo da história do ocidente, apontam para um extenso número de obras e teorias.

Estudos da psicologia, da sociologia, das ciências humanas de uma forma geral e também da educação física, se concentraram na análise das ações contidas nas práticas corporais vinculando-as ainda às teorias da educação, do pensamento e formação do indivíduo e da sociedade. O corpo —se configura em símbolo de uma cultura, espaços onde se projetam códigos de identidade e de alteridade, sendo os usos que dele se faz associados ao vestuário, ornamentos e pinturas corporaisll indicativos para a compreensão do mundo que os envolve (CASTRO, 2007, p. 5).

Considero, dessa forma, as PA's como atividades transpostas pelas sociedades ocidentais aos limites dos espaços naturais e adequadas às práticas modernas de integração corporal com a Natureza, enfocando a relação do homem com a Natureza e situá-lo nas subjetividades dos praticantes em campos da vida contemporânea através das noções de lúdico e aventura.

Alcyane Marinho avalia, com base em Feixa (1995), que —A identidade diferenciada das atividades de aventura provém de aspectos práticos ou materiais e, também, de sua dimensão imaginária ou simbólicall, e a aventura conceitua-se como uma cenografia onde as ações são subordinadas às percepções e riscos - reais e imaginários. (MARINHO, 2001, p.75).

No entanto, não se trata de atribuir uma visão utilitária da Natureza por parte da cultura nem mesmo —inventar uma mentalidade ecológicall, como alerta Roberto Da Matta (1987), mas a de justamente evocar o pensamento e a contemplação com os quais o ser humano reage ao meio ambiente ao apresentar-se pelo pressuposto da aventura corporal à experiência do surfe.

3.2 “Os reis do *pico* e a *rainha* das ondas”: O *ethos* surfista

No desenvolvimento da observação participante, após fazer algumas aulas de yoga como visitante e ser orientada por alguns surfistas, combino com Carlos, professor no centro cultural e esportivo localizado na praia, de conversar sempre nos intervalos destas aulas para que ele me apresentasse o mundo do surfe. Ele me convidou para participar e observar seus alunos, estar em contato com eles. O ambiente da praia e do centro cultural é bastante frequentado por surfistas de vários tipos.

O centro desenvolve atividades esportivas e culturais dedicadas a este público, com diversas modalidades de preparação de atletas e um espaço de interação para os que fazem do local o ponto de apoio para o surfe. Duchas, banheiros, guarda-pranchas e uma lanchonete com cardápio e decoração preparados para atender o gosto natural da freguesia. Os proprietários e funcionários também são praticantes e estão sempre de olho nas ondas, comentando e aguardando o momento de sair do trabalho e entrar na água. Revezam-se no atendimento dos clientes, a maioria amigos e também surfistas, para poderem *cair*, expressão que significa surfar, entrar na água.

Aplicando a mesma lógica que Maluf (2005, p. 13), entendo assim que,

-Mais que um espaço, uma dimensão ou uma referência do mundo exterior, a natureza na cosmologia alternativa é um valor. Ser -natural é um critério fundamental para qualificar todas as esferas da vida: o comportamento pessoal, os alimentos consumidos, o espaço e a casa, o material utilizado na confecção de objetos e a forma de fabricá-los etc. Enfim, é um critério de qualidade e um valor positivo que contrasta com tudo o que -não é natural: os produtos de origem industrial, sintéticos, ou mesmo um comportamento -interessado. O -natural se articula com outras qualidades diferenciais, como o puro, o autêntico, o rústico (em oposição ao urbano), o vegetariano, o são (em oposição ao doente ou insano).

Praia Mole, o fim de tarde nublado e com pouco vento não parecia atrativo para o surfe. Havia dois na água quando cheguei, mas logo saíram. No mar, algumas poucas ondas “fechando”, “direitas” e “esquerdas”, como os surfistas as definem, de acordo com a sua direção, da perspectiva deles, de quem está na água, vindo em direção à praia; de fato uma perspectiva única. Percebo também que a faixa de areia está menor,

a maré mais alta pelo horário. Os alunos do Carlos começam a sair da aula. Eles são de uma turma exclusivamente voltada para a preparação para o surfe. Alguns são atletas de competição, membros de uma equipe profissional que patrocina as aulas. Aguardo enquanto ele finaliza tudo e começamos a conversar.

A minha vida é baseada no surf e no yoga⁴³, que são na realidade estilos, filosofias de vida... O que rege a minha vida são essas duas práticas. Normalmente eu dou aula a semana toda e quando sei que tem onda boa, eu venho correndo surfar nos intervalos das aulas... Com esse lance de internet, ficou mais fácil saber onde vai ter onda. Mas tem um lance, às vezes o cara sabe que tem altas ondas, mas não posta pra não lotar o pico. Avisa só pros amigos (Carlos).

Este localismo, presente no relato de Carlos, é reflexo de um territorialismo perceptível no meio, um comportamento aparentemente reservado aos locais que espelha um conhecido estigma de que os nativos possuem um comportamento hostil dentro do mar com aqueles que não são da área, principalmente com os turistas, os iniciantes que surfam de “*pranchão*” e os que “*rabeiam*” a onda de alguém. Os —de forall, conhecidos como *haoles*⁴⁴, termo que tomou uma conotação pejorativa, classifica aqueles que não são bem-vindos ou por não serem conhecidos dos locais ou em situações em que o mar fica “*crowd*” e as ondas disputadas.

O fenômeno descrito em alguns estudos⁴⁵ relativo à maioria dos nativos dessa pesquisa é reconhecido pelos mesmos. Mas eles não dão “*muita importância*” e afirmam que tem diminuído, porque *-todo surfista quer viajar pra pegar onda*”. Assim, acreditam que isso deve acabar. De fato, não verifiquei com os —de forall, tampouco com os demais manezinhos que frequentam as praias mais badaladas, aspectos que demonstrassem uma aversão aparente a qualquer —tipoll de surfista, mas eles valorizam

⁴³ Yoga, ou yôga, é uma prática desenvolvida pelo povo Hindu, que objetiva a meditação aliando práticas corporais *ásanas* e respirações para desenvolver a saúde do corpo, mente, espírito e captar a energia vital *prana*. Hoje muito popular no ocidente, porém com maior concentração no seu aspecto físico, possui diversas vertentes. “O objetivo da modalidade que eu ensino é a elevação máxima da consciência do ser, não é terapia, é pegar um processo e catapultar ela, ajudá-la a chegar ao máximo com suas potencialidades.” (Carlos)

⁴⁴ Lê-se “Ráuli”. Mais informações em: NETO, 2011, no seu estudo sobre sociabilidade e territorialidade do surfe em uma praia de Florianópolis.

⁴⁵ Ver também SOUZA (2003)

e acabam selecionando os —picosll mais exclusivos e defendendo uma —éticall do surfe, que pressupõe um respeito aos mais antigos na área, aos que estão a mais tempo no mar e melhor posicionados na onda. Como demonstra os relatos de Adriano e Carlos:

“Os caras são muito lost. Têm uns caras que têm maior percepção, tá ligado no que tá rolando e daí se posiciona melhor e têm prioridade na onda.” (Adriano)

“Localismo é coisa de quem não viaja. Quando eu fui no Havaí pela primeira vez em 2005... nem uma prancha toco⁴⁶ é discriminada. Localismo no Havaí começou porque em North Shore só tem onda uma época do ano, daí todo mundo vai pra lá, e os caras de lá que ficam esperando o ano inteiro ficam sem espaço, daí já viu né...” (Carlos)

Eles explicitam um pouco do que identifiquei como característico na prática do surfe, uma espécie de -classicismoll, que inclusive dificultou o acesso a muito deles. Falam da —hierarquia do surfell em que se inserem questões como o reconhecimento de feitos e heróis, além de locais em que é preciso respeitar o nível e a história dos demais. Como, por exemplo, na conhecida praia da Joaquina que tem uma tradição de sediar importantes campeonatos e de acordo com eles *“no dia a dia tem onda mais forte”, “o nível de lá é maior, tem uma aura de exclusividade.”*

Esta situação assemelha-se ao termo que Nobeit Elias (1965) utilizou para o livro de mesmo nome, —Estabelecidos e Outsiders – Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidadell. Elias realizou uma etnografia em uma comunidade no subúrbio de Londres, com nome fictício, *Winston Parva*, no final dos anos 50. A pesquisa apontou para uma divisão entre os moradores mais antigos e aqueles que residiam no bairro há menos tempo. Segundo ele, criou-se um forte estigma por parte do grupo estabelecido que fazia juízo de valor inferior do grupo que havia se fixado ali mais recentemente e tratava-os como forasteiros, os —de forall, os *outsiders*.

⁴⁶ Expressão para prancha muito velha.

Estas categorias, *estabelecidos e outsiders*, designadas por Elias, definem fatores de constituição de identidades sociais, acentuando aspectos que diferenciam e assemelham indivíduos que integram mesmas comunidades, destacando os sentimentos de superioridade social e moral, de pertencimento e exclusão como elementos subjetivos, que exemplificam as relações de poder.

Entretanto os indivíduos, mesmo apartados, estão fortemente ligados a um laço de identificação com o surfe e formam assim um grupo coeso no que tange a uma preocupação central da prática, que se estrutura como um espaço de sociabilidade alternativo em relação aos demais. Como citei anteriormente, o surfe desenvolveu-se em um cenário de contestação do *establishment* – palavra consagrada na época, que se referia ao sistema capitalista e ao modo de vida hegemônico do Ocidente, e continuou reproduzindo-se num contexto alternativo e diferenciado da maioria das atividades físicas e de lazer.

3.3 Out(in)siders: “Surfando a onda interior”⁴⁷

No mundo do surfe, as semelhanças e diferenciações são feitas não só pelos localismos e distinções de modalidades ou profissionalização, mas aparecem principalmente entre os interlocutores da pesquisa naquilo que eles chamam de a “*verdadeira alma do surfe*”, a sua “*essência*”. Definida inicialmente pela exacerbação de sensações que descrevem uma relação intensa da experiência corporal, num segundo momento é apresentada pela consciência adquirida com a integração total com o ambiente.

“Terror e êxtase, é assim que eu digo. Tem o bem-estar de tá ali no mar, na Natureza e a adrenalina, o desafio dos caldos... Se ficar muito na segurança, você não pega onda... Se tiver bem, você fica, encara e tá pronto pra rainha, a maior onda da série. Sorte e competência.” (Carlos)

⁴⁷ Título de um trabalho de Carlos, interlocutor da pesquisa, que escreveu a respeito da sua biografia e relação do surfe e a prática do yoga.

Falando de sensações como “terror”, “êxtase”, “bem-estar”, “adrenalina”, “vício” como situações inerentes à prática, este primeiro aspecto parece se conectar a uma intenção velada de —desvio de regras sociais tidas como —corretas. A imagem social do surfista sempre esteve atrelada a um misto de rebeldia adolescente, de alienação do consumismo contemporâneo de lugares e serviços de lazer, do hedonismo e hipervalorização do prazer propiciado entre outros pelo uso de drogas.

-É um tipo de vício, um bom vício... É uma terapia, desliga tudo!... Pra mim o mar é o melhor lugar.” (Pereira, praticante há 16 anos)

Alguns estudos investigam as motivações contidas na prática de esportes de aventura, ou esportes extremos, correlatas ao uso de drogas e até mesmo similares aos desvios legais e morais de indivíduos e grupos (BRYMER, 2005; VARGAS, 2006; LYNG, 2005). Situações que levam a uma —alteração da percepção, uma fruição por outros estados de percepção, uma percepção intensa. Também denotam as possibilidades contidas nesses agenciamentos, que levam a um —sair de si, abandonar-se, ultrapassar-se ou deixar ultrapassar por outros meios... o paradoxo do êxtase. (VARGAS, 2006, p. 12-18)

Já para Brymer, apoiado nos conceitos da fenomenologia, não se trata de um sentimento autodestrutivo, como convencionou designar muitas teorias, ou mesmo um vício pelo prazer e pelos hormônios liberados nestas sensações, ele busca ultrapassar esse estereótipo afirmando haver primordialmente uma relação com o natural, propiciando o que ele chama de *-becoming what you are*, uma transcendência dos estados de consciência. E assim postula,

Thus the extreme sport taken to its essence is transcendence, firstly, transcendence of self as momentary peek into a participants own essence, core or true self. Secondly, transcendence as beyond or more than naïve perceptions of existence in a material world or as Barnes (2003) found in meditation essence of the ‘experience’ is in part, somehow outside of the mundane or material world. Thirdly, transcendence as transformation of a previous understanding of self and one’s place in the world akin to the trigger described by Braud (2001) in other non-ordinary transcendent experiences. Or the deep inner transformations that accompany death-rebirth experiences or death acceptance as recognized by Marshall (2002). (BRYMER, 2005, p. 318)

Entrar no mar, deitar na prancha, remar pelo canal, furar as ondas, uma após a outra, passar a arrebentação e chegar no *outside*, onde começa a perspectiva única do surfe, lugar de onde se avista a ondulação, o horizonte e se tem a vista da praia e da costa. O *outside*, literalmente o lado de fora, designa o local posterior onde as ondas começam a quebrar, passando pelo *inside*, onde as ondas quebram menores e com mais força, também conhecidas por “*quebra coco*” e “*caixote*” até chegar à praia.

O termo *outsiders*, não por acaso, foi também adotado em 1963 pelo sociólogo norte-americano Howard Becker no livro intitulado —*Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*⁴⁸, onde ele propõe uma teoria interacionista do desvio, analisando alguns grupos com comportamentos tidos como desviantes pela sociedade. Becker utiliza o termo *mundos sociais* para descrever a relação de pessoas que agindo conjuntamente, e mesmo com diferentes graus de comprometimento, produzem realidades que também as definem. Judith Butler fala de *zona de abjeção*, ou seja:

todo sujeito se constitui nas sociedades contemporâneas constituindo aquilo que ele também não é. Uma exterioridade constitutiva, que pode ser lida como zonas excluídas da possibilidade da subjetividade e se existir enquanto sujeito (da razão, de direitos, etc.)(...) para elas são posições relacionais e não lugares ontológicos (BUTLER, *apud* HALL, 2000).

Para Costa (2000 *apud*, TORRES, 2007), as atividades corporais ligadas à aventura, natureza e risco estão ligadas a grupos que —necessitam realizar algo fora do comum, ou seja, do que é normalmente aceito pela sociedade. E destaca a riqueza dos aspectos lúdicos presentes nestas atividades devido aos —riscos calculados presentes nas situações. Além da disposição para o enfrentamento do risco, existe uma necessidade de transgressão de limites da capacidade de ação —associada a um excitante e reconfortante prazer de realização de ter superado esse risco com muita competência. Essas provas de perigo estabelecem um sentido de controle sobre a vida aliado a um sentido de superação.

⁴⁸ Becker, Howard S. [1963]. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp. 2008.

“A essência da coisa tá em você vivenciar aquele momento... Você ainda tem o prazer de entrar numa onda pelas pedras e pular, tipo ali na Joaca (Joaquina) e daí tem a adrenalina. Valeu metade da emoção do surfe.” (Carlos)

Da Matta entende que o homem define-se em um ritmo dialético com a natureza não só modificando-a, mas fazendo desta realidade objetiva uma interface paralela à consciência subjetiva, e afirma:

O ponto essencial é que o homem não inventa uma canoa só porque deseja cruzar o rio ou vencer o mar, mas inventando a canoa ele toma consciência do mar, do rio, da canoa e de si mesmo. Se o homem faz-se a si próprio, é preciso também não esquecer que ele assim procede porque pode ver-se a si mesmo em todos os desafios que enfrenta e em todos os instrumentos que fabrica. (DA MATTA, 1987, p. 32)

Isto posto, é compreensível que o *outside*, em contrapartida, seja também referido como um local seguro, protegido da agitação das ondas e do burburinho da praia. Local aonde os surfistas se reconhecem como tal, e mesmo com as diferenças perceptíveis, trata-se de um local de respeito. É o templo do sagrado do mundo do mar, onde se tem ideia da imensidão em que se está inserido. *“Terapia”, “conexão”, “meditação”, “equilíbrio”* são algumas das expressões mais utilizadas para definir o sentimento.

“O surfe tem o lance de êxtase, adrenalina. Entra no mar, vê aquela energia, sente aquela coisa. Daí vem o tubo. Você entra e dá graças a Iemanjá... No tubo você tá protegido.” (Caetano)

3.4 A “tribo” do mar - Cosmologia e noção de pessoa

Em grande parte produzidos pela mídia e pelo discurso oficial das instituições públicas, os padrões de construção da subjetividade e da identidade coletiva refletem, em sua maioria, o pressuposto de que os paradigmas da civilização ocidental estão intrinsecamente relacionados à atual e predominante —visão de mundo. Guattari (1990, p.8) concebe por —Ecosofia uma —articulação ético-política entre os três registros ecológicos (do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana). Para este filósofo contemporâneo, que aborda a problemática da existência humana num contexto de campos homogêneos bipolarizados e universalizantes, a referência ecosófica pode indicar —linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios — urbanismo, criação artística, esporte etc., sendo estes dispositivos de reprodução da subjetividade, indo ao encontro de uma ressingularização individual e/ou coletiva. Geraldo Rohde entende que:

O findar do nosso século assiste ao definhamento do paradigma cartesiano-newtoniano substituído por uma visão de mundo integradora, sística, conjuntiva e holística... as chamadas ciências ambientais se espremem em vazios epistemológicos entre as ciências naturais e sociais, adjetivam disciplinas existentes e provocam a necessidade da interdisciplinaridade (ROHDE, 2003, p. 41).

As diversas concepções de natureza e cultura existentes dentro do seio da mesma sociedade, principalmente no que tange aos grupos que vivenciam uma miscelânea de culturas, lugares e práticas, convergem para uma necessidade de superação desta herança conceitual do ocidente, para que os estudos que se dediquem a demonstrações de grupos que se diferenciam de certa forma de tais implicações possam, de fato, reavaliar tais cosmovisões.

A isto somam-se as delimitações estabelecidas por Hector Leis (2005) em diálogo com Fazenda (1994 e 2001), segundo o qual as bases interdisciplinares no enfoque brasileiro, em contraposição ao europeu e norte-americano (nem reflexivo, nem instrumental) está orientado para a intersubjetividade dos agentes no plano metodológico. Para ele, o ator é o principal vetor da interdisciplinaridade que tem por

finalidade aqui —a busca da realização do ser humano, promovendo uma concentração integradora no próprio self. (LEIS, 2005, p. 8)

A antropologia possui uma longa tradição na elaboração de um pensamento que avalia a existência do dualismo homem/natureza e das consequências conceituais e reificantes destas noções. As correntes teóricas que se desenvolveram a partir destes campos fundamentaram e separaram os estudos antropológicos, de um lado a ênfase no natural, ou naturalistas, que deram origem ao funcionalismo, ao evolucionismo, à ecologia cultural e à antropologia ecológica; e do outro, os chamados —culturalistas, que baseados no relativismo cultural, operam o estruturalismo e a ecologia simbólica. (MESSETTI, 2007)

Esta questão central e paradigmática da teoria antropológica é por demais complexa e é apresentada aqui, apenas a título de direcionamento, não possibilitando maior aprofundamento. Para tanto, é necessário colocar que mesmo utilizando uma linha de pensamento culturalista, a relação que pretendo estabelecer aproxima-se do que propõem as teorias advindas dos estudos da etnologia ameríndia em suas contribuições a respeito da noção de pessoa, corpo e alteridade.

O Perspectivismo proposto por Viveiros de Castro (1996) seria um destes pontos onde natureza e cultura se encontram sem uma hierarquia dicotômica de influência entre ambas... uma das consequências dele, é a colocação do universo simbólico e cosmológico, como o ponto central do relacionamento do homem com o meio-ambiente em que ele está inserido (MERCANTE, 2005, p. 1).

O perspectivismo foi elaborado a partir de estudos de sociedades ameríndias, que possuem visões diferenciadas a respeito dos limites conceituais desenvolvidos pelo ocidente. Para estes —a cosmologia e o universo simbólico são também o resultado do contato com o ecossistema e da noção de uma descontinuidade com os seres que o habitam. E ainda, que —os ameríndios não somente passariam ao largo do grande divisor cartesiano que separa a humanidade da animalidade, como sua concepção social de cosmo (e cósmica de sociedade) antecipa as lições fundamentais da ecologia, que apenas agora estamos em condições de assimilar. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 347)

—A noção de pessoa tendo como referência especial a corporalidade enquanto idioma simbólico focall torna-se uma perspectiva epistemológica para o estudo da prática do surfe, assim também como o conceito de —socioambientell que entende que a —relação com os elementos do seu ambiente natural são pensadas e vividas como relações sociais envolvendo apenas sujeitos e não a natureza como objeto (humanos, não humanos e ambiente físico)ll. (PANOSSO, 2010, p. 47)

Assim, o desenvolvimento de um —*ethos* naturistall como sendo uma ética de um sentimento comum de —comunhão com uma naturezall, fortalecendo a ligação social (MAFFESOLI 1996, p. 233), passa a ser retrato do que se observa no fortalecimento das práticas desenvolvidas junto à Natureza. Por —ecologização do mundo socialll ou naturalização da cultura, Maffesoli define a alteração no pensamento social que passa de uma relação de dominação e exploração da Natureza para uma espécie de parceria com esta como uma —modulação específica do mundo contemporâneoll na qual a experiência da vida na terra é impulsionada pelo sentimento de prazer que oferece o —usufruir o aqui e agora ll.

Trata-se de uma visão que parte da Natureza para a análise das sociedades pós-modernas, tendo como referência os aspectos éticos dos sentimentos, das emoções, experiências coletivas e o paradigma estético —emoção comum que tem efeitos sobre a estruturação socialll (*Ibidem*, p. 248). Conhecida como ecologia romântica, popular e perceptível nos dias atuais, esta concepção holista do humano e do social possui forte influência da religião e da cultura oriental, dando ênfase na relação com a Natureza, na integração do corpo, do imaginário e na compreensão da existência humana.

Maffesoli (1998) denomina de tribo e tribal pequenos grupos de socialidade que, segundo ele, traduzem o aspecto emocional, o sentimento de pertença e a ambiência conflitual que esse sentimento induz. Estas metáforas utilizadas para definir grupos que surgem no seio das sociedades complexas contemporâneas representam —a busca de uma vida cotidiana mais hedonista, menos teleológica, menos determinada pelo dever ser e pelo trabalho ll Para ele, estes pequenos grupos tendem a restaurar, estruturalmente, a eficácia simbólica da época de massa, apoiando-se essencialmente na —concatenação de grupos com intencionalidades estilhaçadas, mas exigentes ll,

culminando ao que ele chama de reencantamento do mundo. (MAFFESOLI, 1998, p. 117;-120)

3.5 - “O mar tá reagindo”: A agência do mar e o encantamento do mundo

Adiantada para a aula do Carlos, chego na praia e encontro um dos rapazes que trabalham por ali se preparando pra entrar na água com a roupa de borracha, que protege do frio, conhecida por long John. Conversamos um pouco e ele me pede para tomar conta da mochila e do chimarrão. Diz para eu tomar um pouco e que acene caso precise ir embora. Está frio, com vento e o céu meio nublado. É difícil entender a disposição de quem entra na água nestas condições. Alguns deles dizem ainda que o inverno é a melhor época, pois tem ondas maiores. Antes de ir ele justifica, “hoje não tá muito legal esse vento nordeste aí, mas é bom né, sempre bom, ainda mais saindo do trampo... ah eu trampei o dia todo olhando pro mar, esperando a hora de entrar”. Não tem mais ninguém no mar, mas lá está ele, de costas, sentado na prancha, esperando a onda. Está frio, mas com pouco vento, o céu meio nublado, ele deita na prancha, rema com os braços de um lado para o outro. (Jonas 22 anos, natural de Porto Alegre. Surfa desde os seis, em Cidreira, RS.)

“No começo os cora encrencaram porque acharam perigoso, tinham medo, ainda mais lá que o mar é aberto e a arrebentação fica muito longe da praia. Eu tive medo também, medo da água, mas enfrentei, foi bom... E o medo é isso, né, traz respeito. Saber que você tá ali sozinho, no meio do oceano. Pode acontecer qualquer coisa, né, cordinha arrebentar, vir uma onda... O mar te ensina respeito! A galera hoje não sente muito isso, saber que vem do coração, quer saber só de participar de campeonato. Acho que antes era simples. Tu chegava, entrava, era tu e tua natureza.” (Jonas)

Desde tempos remotos, o mar desperta nos seres humanos um fascínio que funde medos e mistérios a glórias, aventuras e sensações das mais exóticas possíveis.

O desconhecido, os mitos e a religiosidade do sagrado compõem o imaginário dos povos que vivem em sua proximidade. Torres (2007), a partir das ideias de Bachelard, explica que a relação do ser humano com o elemento água vai muito além da sua utilidade e do seu racionalismo. Para ele a água, dependendo do contexto envolvido, —evoca alguns sentidos, que mesmo que inconscientes, orientam sonhos, pensamentos e atitudes dos homens que com ela se relacionam, sendo a ambivalência entre a vida e a morte o seu sentido predominante. II

“Para interagir melhor com esse sistema, é importante primeiro entender esse sistema interno. O mar exige que esteja bem, seja humilde, o tempo todo interagindo com a vida e a morte, com a Natureza. Pra estar vivo, tem que fazer por onde. Antigamente o homem acordava e tinha que enfrentar a Natureza pra sobreviver, caçar a comida e se defender dos outros animais. Ainda hoje é assim, não do mesmo jeito, é claro, mas neguinho tem que sair pra vida, gastar energia e enfrentar os medos se quiser sobreviver. O surfe é democrático, o ambiente é o mesmo.” (Raoni)

A fala de Raoni corresponde ao que Simmel analisa como a problemática da vida moderna, a reivindicação do indivíduo em preservar a autonomia e individualidade frente às forças sociais, à herança histórica, à cultura externa e da técnica da vida em semelhança à luta do homem primitivo com a Natureza por sua existência física. (SIMMEL, 1979)

“Eu gosto de ter uma parceria pro surfe, mas antes isso era mais necessário. Depois” de um tempo, o cara vai se sentindo mais à vontade de estar sozinho, fica melhor consigo, curtindo o silêncio e o mar... Acontece de ter um amigo que dá o toque pra vir surfar, ainda” (Carlos).

O silêncio aparece nos relatos como um grande valor na prática do surfe, na relação com o mar, como relatado acima, mas também por se tornar uma forte característica dos muitos que observei. Uma espécie de —silêncio relacionalll, tendo o silêncio como forma de sociabilidade, de relação entre membros de um grupo. Para

muitas religiões, o silêncio é o ritual do sagrado, corresponde ao momento de conexão, de presença, em que a percepção é aflorada e inicia-se o aprendizado. Bourdieu (1990, *apud* Bandeira, 2011) fala de condutas produzidas aquém da consciência, apreendidas por uma comunicação silenciosa, corpo a corpo, um modo de compreensão totalmente particular, que consiste em compreender com o corpo, que não possui sequer palavras para exprimi-lo.

“Quando eu olho o mar, eu vejo as ondas, e aprendi no dia a dia, com os mais velhos, os marujos, o pescador, o velejador... É uma comunidade, uma galera que entende o mar... o salva-vidas (Caetano)

Principalmente entre os nativos da Ilha e aqueles que moram e surfam em locais menos turísticos e mais isolados, a aproximação e o diálogo é bastante dificultada. Ismael, um dos interlocutores, que mora em um bairro tradicionalmente reconhecido pelo número de surfistas e que antes era majoritariamente reduto dos locais, em um encontro com outro surfista, próximo à sua casa, explicita-me um pouco dessa característica. Ele me apresenta a este amigo que dá um —olá! em tom de voz bem baixo e sem direcionar o olhar em minha direção. Continua falando sobre as ondas e logo sai. Ismael desculpa-se dizendo: *“Não liga não, viu, surfista é assim mesmo, ainda mais nativo, gente simples não fala muito.”* E continua:

“O que eu posso te dizer é que o surfista é um cara que fala pouco, como o pescador, ele convive muito com o silêncio, com a imensidão. Por isso eu sou assim, falo pouco, gosto de ficar mais em silêncio mesmo. Pra poder entender o mar, né, esperar o peixe, ouvir o vento.”

Os surfistas quando observam o mar parecem não estar só atentando para as condições de vento, ondulação, correntes, canal por onde entram na remada, alguns demonstram também uma forma ritualística de reverenciar, de avaliar o —humor! do mar e pedir autorização e proteção pra entrar na água. Muitos deles fazem gestos, como o sinal da cruz ou o ritual de saudação ao sol, outros simplesmente param por alguns

segundos já com os pés dentro da água antes de entrar por completo. Frequentemente usam a palavra respeito para descrever a relação que possuem com o mar.

“Ando de bike, muito...frescobol, futebol, peteca. Já andei de skate, mas gosto mais de tá sozinho, você se desafiando, buscando, querendo... daí sai e fala, obrigado, senhor! Tô com objetivo de virar waterman, kite, wind, tow in, viver no mar.” (Caetano, 37 anos, surfa desde os 10, natural de Ihéus, BA)

Em ambos os relatos, é como se o mar passasse a ser sujeito da relação, assim como é possível notar a agência do vento, do sol, das marés; são elementos naturais, porém dotados de um tipo de —personalidade que mais do que ser compreendida, deve ser respeitada e se relaciona diretamente com a personalidade do surfista. Agência, entendida e conforme utilizada por Hall (2000, p.104), como —elemento ativo da ação individual, na reconceitualização do *sujeito* nos processos de subjetivação da identidade. Hall fala ainda da construção desta identidade por meio das relações com aquilo que é diferente —da relação com aquilo que não é com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de *exterior constitutivo*”. (*Ibidem*, p.110)

“O surfe é inconstante como a vida, porque o mar é inconstante... É um jeito de levar a vida, a lua influencia no mar, assim como na gente. E o mar é misticismo, religião. Sou devoto de Iemanjá, a deusa das águas, vamos respeitar pra dar tudo certo... Todo surfista tem que alongar, tem que respirar, analisar o mar e ao invés de lutar você entra com harmonia. Pra surfar você tem que tá bem, pra ter equilíbrio tem que tá equilibrado, sentir o prazer ali daquele momento. Quando você tá no mar, é tudo mais leve, o sopro do mar te impulsiona” (Caetano)

[...] essa lógica das intensidades, que se aplicam aos Agenciamentos existenciais autorreferentes e que engajam durações irreversíveis, não concerne apenas aos sujeitos humanos constituídos em corpos totalizados, mas também a todos os objetos parciais, no sentido psicanalítico, os objetos transicionais, no sentido de Winnicott, os objetos institucionais (‘os grupo-sujeito’), os rostos, as paisagens etc. (GUATTARI, 1990, p. 27).

Souza (2003), ao abordar o trabalho de Edith Derdyk (1989) acerca do processo de interpretação através do desenho, compara-o à interpretação feita pelos surfistas ao analisar o mar.

o desenho no papel pode ser entendido como o desenho das ondulações na superfície marítima, onde as diferenças de altura, largura, espaçamento e ritmo adquirem classificações próprias compartilhadas por aqueles que surfam, transmitidas também pelas ondas sonoras do rádio nos informativos sobre as condições do mar. Este olhar é também um ouvir: ouvir o que os outros informam e ensinam, interpretar o que o próprio mar diz, no sentido em que suas formas transmitem significados variáveis conforme quem o aborda (*Ibidem*, p. 112).

“A maré é o que mais influencia aqui na ilha... é o feeling, não dá pra saber tem que sentir, tem que ser orgânico. Orgânico é isso, a sensibilidade que a gente sente. Na lua cheia e nova aumenta a variação da maré, e nas entre luas minguante e crescente, a variação diminui. Na cheia varia mais pra cheia, tipo se começa a chover na lua cheia, vai chover a lua toda, porque a lua atrai a água, os astros todos se atraem, atrai tudo... Essa visão orgânica que a gente tem aqui na praia quando o tempo muda, o vento para, daqui a tantas horas vai entrar vento sul, a gente sabe isso. Mas a maioria das pessoas não sabem, perderam isso, foram domesticadas. Até o calendário que antes era com os ciclos da lua, mudaram pra esse de 12 meses, com 31 dias, pras pessoas ficarem alienadas mesmo. (Alex)

A formação das ondas ocorre de acordo com as características geomorfológicas, que se alteram constantemente e sofrem os impactos das alterações climatológicas, diferenciando as leituras e —boletins do surfell. Existem inúmeros sites na internet que atualizam e informam várias vezes ao dia as condições de —surfabilidadell. Utilizam gráficos, imagens, previsões. —Lerll estes dados é uma rotina que o surfista habitua-se a ter cotidianamente e que depende mais do “*feeling*” do que das informações aparentes.

“O mar tá volumoso, exige uma prancha maior, tá sem vento e com ondulação de leste, daí a onda quebra na esquerda, mas a bancada de areia muda tudo, muda muito todo dia.” (Alex)

“Ondulação de leste, depende das praias né, vento nordeste, sempre tão boas as praias do leste com os costões de canto esquerdo, vento sul os de canto direito e o norte da Ilha que dá terral. Daí oeste é massa que dá terral direto. Mas depende, velho, às vezes você acha que vai tá bom e tá uma merda. Maré também influencia pra caramba, se tá cheia ou seca, mas tem pico que sempre pega ondulação. Mas é isso que tem que ir sacando, porque às vezes não encaixa, fica fechando.” (Rodrigo)

É possível perceber um *saber* intrínseco desenvolvido pelo surfista em seu contato com o mar, conhecimentos advindos de diversas áreas e que convergem na prática de —lerll o mar como destacou Bandeira (2011)

O surfista detém amplo conhecimento do que classificamos como geologia, geografia, meteorologia, oceanografia, biologia marinha, engenharia naval, entre outros campos. É surpreendente notar como estes saberes são operados e determinam o sucesso do -empreendimento surfísticoll tanto em termos de satisfação com a sessão de surfe, como de segurança. O mesmo foi notado por SOUZA (2003): -Perguntava também como *liam* o mar, sendo este um item ao qual dediquei-me, o que exigiu grande esforço e mostrando-se um ótimo ponto para começar conversas interessantes. Tentei aprender a reconhecer as formações do mar *in loco*, que correspondem às classificações que empregam, na medida em que também tentava aprender sobre correntes marinhas e direções dos ventos, não obtendo aí tanto sucesso, mas chegando a apreciar a especificidade do conhecimento que o surfista dialoga em seu cotidiano (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 107).

“Eu convivo muito com o mar. Acho que tenho o caráter dele. Às vezes sou tranquilo, mas às vezes tô bem agitado, enfurecido, mas tô sempre ali, na minha... Às vezes eu me sinto um anfíbio, parece que o meu pulmão é maior, eu sinto ele bem grande. Tenho 27 anos e desde os 7 eu vivo no mar, em cima de uma prancha. Só o fato de você sair da terra e tá na água, você já fica diferente. A primeira vez que eu andei em cima da água, e o surfe é isso, eu já me transformei numa pessoa diferente... Ali onde o mar encontra a terra, naquela parte a gravidade é menor, tu sabe né, ali na faixa de areia e quando entra no mar, no primeiro buraco a gravidade é menor... Tu que é mulher já deve ter sentido isso, porque mulher é mais sensível, mas qualquer um que faz alguma coisa ali, corre, salta, sente que é diferente, mais leve”. (Ismael)

Ismael fala de uma percepção do próprio corpo e do local da praia por meio de uma relação de transformação total, de alterações biológicas e conscienciais resultantes da vivência que o corpo tem nestas intensas experiências.

A imaginação criativa, a relação de pertencimento a lugares, que Yi-Fu Tuan (1980) definiu por topofilia⁴⁹, e suas culturas, além da relação de troca com o meio ambiente são características atribuídas aos seres humanos e são elementos que possibilitam análises de conceitos estruturantes da dinâmica social.

Silveira (1996, p. 13) fala da —dimensão lúdica da experiênciall, das práticas de lazer junto à Natureza, as quais, segundo ele, estão vinculadas a determinados comportamentos e relações sociais ligadas a percepções do ambiente natural, principalmente por cidadãos urbanos que estariam em constante troca com os ecossistemas planetários.

A citada dicotomia entre os polos natureza e cultura, *ludus naturae*, surgiu como marco inicial da pesquisa e parece-me bastante pertinente para descrever o sujeito como processo construído, um —devirll, um devir da Natureza potencial, exterior, porém contida em si mesmo; um processo de interiorização subjetiva efetuada pela Natureza e em direção a ela. (DELEUZE; GUATTARRI, 1995)

3.6 Brinquedos da Natureza

Na Idade Média, os fósseis, remanescentes ou evidências de animais ou plantas preservados naturalmente, foram denominados *Ludus naturae*, —Brinquedos da Naturezall, pois se acreditava que os mesmos eram brincadeiras que a Natureza havia

⁴⁹ Termo da geografia humana adotado nos estudos de percepção ambiental que designa os lugares valorizados por sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética. “A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de ganhar a vida.” (TUAN, 1980, p.107).

preparado para os homens (ROSSI, 2010). O termo parece ser a metáfora perfeita para esta análise, visando a diversidade de interpretações e transformações às quais estão sujeitos os corpos dos mais diversos seres vivos, quando em contato com o universo de símbolos, que circundam o que nós ocidentais conhecemos por Natureza.

Conforme aponta OLIVIER (2008), dialogando com o exposto por Droogers (1999), —A evasão do mundo que a experiência do lazer proporciona é uma evasão radical. Nesse ponto, lazer e religião se assemelham: através de ambos, o indivíduo acede a um mundo radicalmente diferente do mundo cotidiano. No caso da religião trata-se do mundo do sagrado, no caso do lazer, falaremos do mundo lúdico. (2008, p. 5) Tendo em mente a seguinte interpretação de experiência lúdica:

Passado e futuro atuam como perspectivas referenciais abstratas e imaginárias, o que nos coloca em íntima relação com o processo criativo (...) num encontro com o 'aqui e o agora'. O real e o imaginário são, portanto, dialetizados e incitam e excitam processos no sujeito que ampliam a linguagem e a ação, desenvolvendo cognição, capacidade teleológica e a construção simbólica. (...) que pode contribuir para a construção de possibilidades emancipatórias justamente pela sua característica fundamental de resistência à produção de algo que remete para além de si mesma, ou seja, o lúdico não satisfaz nada que não ele próprio, é compreendido não como meio, mas necessariamente como um fim. (FALCÃO *et. al.* 2005, p. 36)

“Tô com o objetivo de me tornar um „waterman“...,kite, wind, town in... Mais de 90% do mundo é formado de água e acho massa descobrir o oceano, a água... Eu surfo 315 dias por ano, mesmo no inverno, com ondulação maior... Eu sou hiperativo, quero fazer tudo, surfar, pedalar, a bike... ó lá a onda tá abrindo! O espírito do surf é isso. Eu me dou e recebo, é uma troca, todo mundo feliz.” (Caetano)

Observando a associação com o sagrado, presente na relação do surfe e semelhante à analogia que Maluf (2005) utiliza em seu trabalho a respeito das novas culturas espirituais, é como se a relação com a Natureza, descrita no surfe, subentendesse uma transformação contínua do praticante na essência criadora de si e do meio natural.

Levando em conta as diferenças evidentes, a noção da Pessoa Araweté descrita por Viveiros de Castro (1986) me inspira a refletir sobre esta concepção discutida ao longo deste trabalho: mais que um ser a pessoa é um devir, -ela

não existe fora do movimento. No entanto, se a pessoa Araweté se realiza na exterioridade, seu devir sendo um outro, trata-se, no caso estudado aqui, da busca de uma interioridade (que só se realiza plenamente em relação a uma dimensão exterior ao sujeito): tornar-se —si mesmoll (*Ibidem*, p.21).

“O surfista sempre gosta de sair do mar com uma onda boa. Mas não é bom dizer que vai sair, porque netuno ouve e não te manda mais onda. É um estigma, mas tem vários tipos.” (Carlos)

As imagens da natureza espelham a relação de equilíbrio externo com o equilíbrio interno, a reaproximação da sua própria natureza. Uma espécie de panteísmo, religião da natureza, em que Deus está presente no mundo natural. A experiência mística, a contemplação, o místico é aquele que aspira a uma união pessoal ou a unidade com o absoluto, que ele pode chamar Deus, Cósmico, Mente Universal, Ser supremo etc.

Os sentidos – *audição, visão, tato, paladar* – servem como mediadores na relação do corpo com o mundo e dão vida e qualidade para o exercício das funções físicas, psíquicas, sociais e culturais do homem. O desafio neste aspecto é o esforço integrado de várias áreas da educação e ação cultural para ajudar o corpo de todas as idades a aprender e reaprender a utilização lúdica dos sentidos, seja para aperfeiçoar a consciência da própria corporalidade, ou para o apuro e melhor usufruto da visão estética, da audição seletiva, do paladar diversificado, do tato e do contato corporal prazeroso. Pode parecer um excessivo intervencionismo educativo, mas, por exemplo, existe todo um milenar conjunto de técnicas da cultura da sexualidade, um dos comportamentos de maior intensidade e pureza lúdica e que são desconhecidos e não usufruídos pelo reprimido corpo moderno. (PRADO, 2006 p 197)

“Hoje eu conheço muito o meu corpo, escuto o que ele tá dizendo... Essa vida com o surf me deixa mais leve, em harmonia... Quando você tá no mar, é tudo mais leve, o sopro do mar te impulsiona... Todo movimento tem uma causa. Você aprende sobre o corpo, a mecânica e a dinâmica do esporte.” (Caetano).

Caetano refere-se a duas noções importantes emprestadas das etnologias ameríndias, a já citada noção de pessoa e ao trabalho desenvolvido no PPGCIAMB sobre o -fluxo e energia vitall entre os Javaé, termo que —nor-teia todas as esferas da

vida social deste povo tais como o tempo, o espaço, a ideia de poder mágico e toda a escatologia nativall. Panosso (2010) define-a da seguinte forma:

A energia vital se encontra em constante interação no socioambiente e é adquirida ou perdida de várias formas, não existe começo ou fim, existe um *continuum* energético que deve ser preservado. Isso se aplica ao tempo, ao espaço, à organização social e ao manejo dos recursos naturais. (...) A noção de corpo está na base da cosmologia Javaé porque eles o percebem como um constante processo de acúmulo e dispêndio energia vital. (*Ibidem*, p.74)

Panosso afirma que esta relação do povo Javaé —denota o caráter de humanização dos elementos do meio ambiente, enquanto fonte de entrada e saída da mesma energia vital, tanto quanto o corpo aparece como elemento de transição dessa energiall (p. 75). Essa mesma relação pode observar nos relatos dos entrevistados, claro que resguardadas as devidas proporções e todo o universo simbólico respectivo.

Rodrigo, diz que *“quando tô surfando, o rip é outro, o condicionamento muda, o ombro aumenta, rola uma energia circulando. A água é condutora de energia, ainda mais água com sal ... O corpo que tá se movimentando circula energia, energia estagnada faz mal... Tipo a energia densa, condensada que tem nos dias de chuva quando a energia da terra se inverte. O nosso corpo se harmoniza com os ritmos da Natureza. Se tá chovendo ou frio, tanto os animais quanto as plantas, o homem fica mais amuado, fica todo mundo guardado. Trouxe isso da terapia, mas confirmei com o surf. Quando tem altas ondas, o crowd é muito menos que de um dia de sol, da uma preguicinha, a Natureza tá pedindo.”*

A circulação de energia presente no discurso surfista pode ser equiparada, se resguardada às devidas contextualizações, a conceitos da ecologia e com a visão de terapias holísticas (bioenergética, bioginástica), além de alguns aspectos presentes em cosmologias rituais indígenas, como a mencionada por que Philippe Descola em seus estudos de cosmologias da Amazônia e Guianas, em diálogo com outros importantes estudos da etnologia.

[...] além dos conhecimentos técnicos, botânicos, agrônômicos ou etológicos empregados pelos índios em suas atividades de subsistência, era o conjunto de

suas crenças religiosas e de sua mitologia que devia ser considerado uma espécie de saber ecológico transposto, como um modelo metafórico do funcionamento de seu ecossistema e dos equilíbrios a serem respeitados para que este se mantenha em um estado de homeostasia. (DESCOLA, 2000, p.150)

O conceito de homeostasia, termo da Ecologia, advindo dos estudos de ecologia sistêmica a respeito da circulação de energia trocada entre indivíduos e seus ecossistemas, ele refere-se a um estado de equilíbrio de energia, em que não há desperdício, e foi estendido para a análise dos saberes e técnicas desenvolvidas pelos ameríndios em adaptação ao meio ambiente que os cerca. Ainda de acordo com os estudos de Descola (2000), em referência ao trabalho de Reichel-Dolmatoff (1976),

Os desanas concebem o mundo à maneira de um sistema homeostático, no qual a quantidade de energia gasta, o *output*, está diretamente ligada à quantidade de energia recebida, o *input*. A energia para a alimentação do sistema provém de duas fontes principais: em primeiro lugar, da energia sexual dos indivíduos, reprimida regularmente por proibições *ad hoc*, a qual retorna diretamente ao capital energético global que irriga todos os componentes bióticos do sistema; em segundo lugar, do estado de saúde e do bem-estar, que resulta de um consumo alimentar rigorosamente controlado e que fornece energia para alimentar os componentes abióticos do sistema, permitindo, por exemplo, o movimento dos corpos celestes. (DESCOLA, 2000, p.155)

“A natureza é um veículo de comunicação do todo, mas o todo tá em tudo. Busco me conectar com a natureza. O homem tem a natureza primária, o conhecimento do corpo, que se manifesta através da performance do corpo, através da arte, da dança, do esporte... Tem também a natureza secundária que é o ego, que é a polaridade do amor. O mundo é feito de polaridades e aí a gente busca o equilíbrio entre as polaridades. O surfe é um contato direto com a Natureza, ele depende da força da Natureza, precisa de um vento, de uma bancada, de um swell. Eu pratico pra tá nessa força. Quando o mar tá flat, não tem força. É um exercício completo, tem carga, descarga, relaxamento, silêncio, reflexão, água, vento. É aberto, tem muita energia... Tem muita energia na areia, o silício armazena energia.” (Rodrigo)

“Abrir os olhos. Natureza é estar de olhos abertos. Natureza da pele pra dentro e Natureza da pele pra fora. Natureza é percebê-la na chuva, nas ondas... A gente sabe que o banho de mar muda o seu dia.... A auto-observação é conhecer seu corpo e ter

cuidado com ele... Eu tenho insights quando entro no mar, desço a onda...os animais são bem mais conectados.” (Carlos)

De acordo com o que foi relatado e com as categorias que surgiram desta tentativa de apreensão da visão de mundo na prática do surfe, podemos considerar que o lúdico, mesmo tomado por um significado de jogo, brincadeira, diversão, abarca todos os demais elementos verificados no imaginário desta prática, parafraseando Falcão 2005, —o lúdico pertence à mesma categoria da alegria, da coragem, da ternura, do prazer, enfim, trata-se de uma potência criadora que se materializa principalmente através do brincar... a manifestação do lúdico só se torna possível a partir da plenitude da experiênciall (p. 34).

Em último aspecto, porém distante de assumir um caráter conclusivo a respeito dessa rica relação estabelecida entre o ser humano e o meio em que desenvolve suas atividades, esses relatos definem o surfe como uma espécie de -elo com a naturezall. Aparece como meio de se conectar ao infinito, com a —essênciall da vida, uma experiência que perpassa a dimensão física, subjetiva, espiritual. (BRASIL E CARVALHO, 2009, p. 230). O —soul surfll busca assim constituir a existência a partir daquilo que realiza, provoca e intensifica, extrapolando a ideia de corpo biológico para alcançar as experiências sensíveis da existência. Elucida a noção de pessoa em que é valorado o conhecimento de si, do corpo submetido à dinâmica da Natureza para apreensão dos limites do —eull e do espírito de liberdade.

A DANÇA DAS ÁGUAS - A vida nos oceanos é mais agitada do que na terra. A água espelha o balanço do mundo. Ondula livremente com o vento. Gira com a rotação do planeta, a atração da lua e o calor do sol. Até as diferenças de salinidade e temperatura provocam movimento. Os passos mais visíveis dessa dança são as ondas que quebram na praia. Mas seja em alto mar ou nas profundezas, nada fica parado no mesmo lugar. As correntes de superfície e as correntes submarinas carregam as águas dos polos ao equador e do equador aos polos, num eterno bailado. Enquanto isso as marés marcam o ritmo do encontro com a terra. O espetáculo é grandioso.!! BOAS ONDAS!!! (Floripa Surf Club)⁵⁰

⁵⁰ Texto no verso do cartão de visitas da escola de surf.

A prática do surfe parece desenvolver em seus praticantes um sentido de identidade profundamente relacionado com um conhecimento diferenciado a respeito da Natureza. O corpo e suas experiências sensíveis possibilitam uma forma diferenciada de conceber e se relacionar com o mundo. Se para os povos ameríndios há uma diferenciação do mundo por meio de um perspectivismo que distingue os corpos através do multinaturalismo, na prática do surfe percebe-se uma analogia em que os corpos operam uma distinção do que é percebido na Natureza.

A Natureza a qual se referem em distintos graus de identificação e por meio de diversificadas experiências apresenta noções em que tempo, espaço, sentidos e consciência corporal são reformulados tal qual as atividades rítmicas do mar. Concordo ainda com a observação feita por Brasil & Carvalho (2009) que -Não se pretende advogar uma sociedade onde experiências transcendentais e contemplações metafísicas sejam o principal projeto de vida, no sentido de se resgatar valores alçados no passado e hoje desgastados. Ou ainda -idealizar modos de vida pautados pela ‘perfeita’ convivência entre natureza e ser humano. Contudo, é preciso atentar para as alternativas à introjeção das imposições do modo capitalista de pensar e viver, [...] que engessam a capacidade dos indivíduos e coletivos de se reinventarem e de criarem novos discursos para as experiências humanas (p. 236).

Como propôs Guattari (1990), é desejável uma recomposição das práticas ecológicas em que se valorizem os modos de produção da subjetividade – cultura, sensibilidade, socialidade – que tratam de —sistemas de valor incorporall, os quais serão a raiz de novos Agenciamentos produtivosll. —Assim, ninguém tá dispensado de jogar o jogo da ecologia do imaginárioll (*Ibidem*, p. 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade neste trabalho de apresentar alguns fundamentos básicos da antropologia, mesmo que de forma bastante simplificada, deve-se ao fato de tratar de um trabalho interdisciplinar, no qual alguns importantes aspectos não são de conhecimento de todos os envolvidos e interessados, possibilitando assim este —encontro não só entre nativo e pesquisador, mas também entre disciplinas.

Quais seriam, em resumo, as concepções de Natureza para estes indivíduos? Será que sugerir que eles possuem uma visão que transforme a antiga noção de local de dominação em ambiente de usufruto e prazer não estaria apenas reforçando, de forma recontextualizada, a noção utilitarista da Natureza e assim reproduzindo um funcionalismo já superado pela antropologia? De fato, este risco é oriundo da análise de uma sociedade inserida no sistema hegemônico de descrição da cultura, tanto por parte do pesquisador, quanto dos nativos que buscam redimensionar a imagem para eles equivocada do surfista estigmatizado como um *bon vivant*, avesso ao trabalho, usuário de drogas e alienado.

Mesmo não tendo a competência, intensão, ou os apontamentos necessários para a elaboração de uma teoria do perspectivismo dentro das sociedades complexas, propus aqui uma análise que, tal qual o perspectivismo, busca uma superação da distinção operada pelos pólos da Natureza e da cultura, para a análise de grupos diversos. Ainda que não tenha sido apontada uma superação das dicotomias discutidas, é possível observar uma via que se autodenomina alternativa à visão comum do ocidente. Assim sem o intuito de atribuir uma forma de perspectivismo à estes grupos de indivíduos, o que incorreria ao erro de designar noções e conceitos de uma cosmologia à outra, que se distingue em inúmeros aspectos estaria homogeneizando o que não o é, chego talvez a um caminho do meio.

A etnografia realizada com estes sujeitos pretendia inicialmente uma descrição bastante detalhada do *habitus* e o entendimento o mais aproximado possível do lugar do corpo nesta cosmologia e de questões relacionadas à prática do surf, como reflexão dos conceitos de natureza e aventura, por eles elaborados. Creio que este intento foi

apenas iniciado, devido a muitos dos apontamentos abordados no texto, principalmente no que diz respeito ao contato com o método e com as suas realidades proeminentes.

Diante de todas as observações e dos importantes dados obtidos durante o trabalho, creio que será de extrema valia para a pesquisa na área e também para o PPGCIAMB, uma continuidade destas investigações. Para mim como pesquisadora imagino que seja um dever buscar, inclusive talvez de forma mais acertada, uma concatenação das ideias que daqui floresceram. Chegar a este trabalho de forma intuitiva, também me proporciona a quase cômoda situação de sair dele pelo mesmo caminho. Certa de que um estudo desta natureza não deve jamais se distanciar das experiências pessoais e do projeto de vida do pesquisador, anseio que também seja possível a realização de uma pesquisa que ocorra dentro do contexto presente no Estado do Tocantins.

O -fazer antropologia fora de casa talvez obtenha bastante neste sentido, reorientando a partir de experiências trazidas de ambientes totalmente diferentes e inusitados, inspirações e aportes para a observação em âmbito do local. Da mesma forma que o estudo, notadamente despertou no ambiente em que foi realizado uma nova significação de práticas consideradas rotineiras e comuns. Ao compreenderem que existem aspectos de nossa cultura que despertam interesse em forasteiros, fazemos por nós mesmos uma reavaliação do que representa para a relação social total, as nossas pequenas relações diárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Adalice Maria de. **Mito e Magia na Arte Catarinense**. (Tese ao Concurso de professor titular. Disciplina História da Arte. Setor Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná). Estado de Santa Catarina. Secretaria de Educação e Cultura. Coleção de Cultura Catarinense. 1ª edição: Curitiba, 1997.

BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. “**Do outside**”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, n.1, p.97-110, jan./mar. 2011.

BECKER, Howard S. [1963]. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp. 2008.

BORDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**: Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papius, 1996.

BRASIL, Fernanda Kandrát, CARVALHO, Yara M. **Pescadores Artesanais, Surfistas e a Natureza: Reflexões a partir de um Olhar da Educação Física**. Ensaio

BRYMER, George Eric. **Extreme Dude! A Phenomenological perspective on the extreme sport**. Thesis of Doctor of Philosophy. University of Wollongong. Faculty of Education and Psychology. 2005. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/theses/379>>. Acesso em: 25 de março de 2012.

BRAUN, Ricardo. **Novos paradigmas ambientais: desenvolvimento ao ponto sustentável**. 3.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAMPELO, Cleide Rivas. **Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

CARDIM, Leandro Neves. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo, Cultrix, 1982.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. 2ª. ed. São Paulo: AnnaBlume, 2007.

Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina/ Centro de Estudos Cultura e Cidadania – CECCA**. Florianópolis: Insular, 1997.

CLIFFORD, James. **O surrealismo etnográfico**. In: A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. Teixeira. **Bases Conceituais do Desenvolvimento e do Ecoturismo.** In QUEIROZ, Odaléia Telles Marcondes Machado (org) - *Turismo e ambiente: temas emergentes*. Campinas, SP:Alínea, 2006.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo, ou como ter o “anthropological blues”.** In: Publicações do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1974.

_____. **Relativizando:** uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. — Rio de Janeiro : Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS).

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho:** desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989, 239p.

DESCOLA, Philippe – **“Constructing natures:** Symbolic ecology and social practicell. In Descola, P. e Pálsson, Gísli (org.) (1996) - *Nature and Society: Anthropological perspectives*. London: Routledge.

_____. **“Ecologia e Cosmologia”.** In Diegues, A. Carlos (org) – *Etnoconservação. Novos Rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 2a. ed. São Paulo: HUCITEC, 2000. P.149-164.

DIAS, Cleber Augusto G. e ALVES, Edmundo de Drummond. **Caracterização conceitual dos esportes na natureza.** Disponível em:
<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/caracterizacao_conceitual_dos_esportes_na_natureza.pdf>

DIEGUES, Antonio Carlos S. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: 3.^a ed. Hucitec, 2001.

DUMONT, Louis. **O Individualismo:** uma perspectiva antropológica da vida moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/Norbert Elias e John L. Scotson; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FALCÃO, J. L. C. et. al. **Capoeira e os passos da vida.** In: Práticas corporais/ Ana Márcia Silva, Iara Regina Damiani (orgs.) – Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 3v. : il. 212p. 2005.

FEIXA, Carlos. **La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza.** Apuntes: Educación Física y Deportes. Barcelona, nº.41, p.36-43, 1995.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **A antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos.** 1. ed. São Paulo: Editora Global, 1987.

FERREIRA, Jonatas. **O alfabeto da vida: Da Reprodução à Produção.** Lua Nova, Núm. 55-56, sin mes, pp. 219-240. 2002. Disponível em:
<<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=67311578010>>

FLEXA, João Manoel Ribeiro. **O Surfe no contexto do desenvolvimento sustentável: estudo de caso na Ilha de Santa Catarina, Brasil, no período de 1995 a 2005.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Florianópolis – SC, 2006.

FOUCAULT, M. e SENNETT, R. 1981. "**Sexuality and solitude**". *London Review of Books*, 21 May-3 June.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt – Campinas, SP: Papyrus, 1990.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar. 1989.

GOLDMAN, Márcio. **Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnografia.** In: PONTO URBE - Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP- ISSN 1981-3... Página 1 de 11. Ano 2, versão 3.0, julho de 2008.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudo indisciplinados.** – São Paulo: Annablume, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

JOLY, Carolina. **Interdisciplinaridade e Reflexões sobre a Objetividade.** In: V Encontro Nacional da Anppas 4 a 7 de outubro de 2010. Florianópolis - SC – Brasil

KNIJNIK; CRUZ, Jorge Dorfman; Livia Oliveira. **Amazonas dos sete mares: A imagem corporal de surfistas brasileiras.** In: Revista do Nufen - Ano 02, v. 01, n.02, julho-dezembro, 2010.

KUHNEN, Ariane. **Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

LEIS, Hector. **Sobre o conceito de interdisciplinaridade.** In: Cadernos de pesquisa em Ciências humanas. Florianópolis, Agosto, 2005.

LEITÃO, Débora Krischke. **A Arte de Sensibilizar o Olhar – ou Por que ensinar Antropologia?**. Disponível em:

<<http://www.geocities.com/deborakrischkeleitao/artigo.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2010.

LYNG, Stephen. **Edgework: The Sociology of Risk-Taking**. Routledge, 2005.

MAFFESSOLI, Michel. 1944. **No fundo das aparências**. Tradução Bertha Halpern Gurovitz, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos**. 3a edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril 1978.

MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos: Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

_____. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. *Esboços*, v. 9, n. 9, 2001. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/viewFile/563/9837>>.

_____. **Os filhos de aquário no país dos terreiros: Novas vivências espirituais no Sul do Brasil**. In: *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p.153-171, 2003

_____. **Criação de Si e Reinvenção do Mundo: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil**. In: *Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina*. —, n.1 (1995).— Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995 v. ; 22cm. 2005.

MARINHO, Alcyane. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: Reflexões sobre a escalada esportiva**. 2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: [s. n.], 2001.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In: mauss M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo : Cosac Naify, 2003.

MELO, Victor Andrade. FORTES, Rafael. **O surfe no cinema e a sociedade brasileira**. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.23, n.3, p.283-96, jul./set. 2009

MERCANTE, Marcelo S.. **A interconexão entre saberes, práticas e percepções: o mediador entre cultura e natureza**. 2005. Disponível em:

<<http://cfh.ufsc.br/~mercante/intercon.htm>>. Acesso em: 30/9/2010.

MESSETTI, Bartira da Silva S. **Indivíduo, cultura e natureza:** Relações homem/ meio ambiente. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós Graduação em Ciências do Ambiente. Palmas, 2007.

MOTTA, Flávia de Mattos. **Gênero e reciprocidade: uma Ilha no Sul do Brasil.** Campinas, SP: [s.n.], 2002.

MOZINE, Augusto Cesar Salomão. **Modernidade e trato da natureza:** Desencantamento do mundo e racionalização. In: V Encontro Nacional da Anppas 4 a 7 de outubro de 2010 Florianópolis - SC – Brasil. 2010.

NERY, Paulo Roberto Albieri. **Viagem, passeio e turismo:** estudo comparado do deslocamento como valor. Tese de Doutorado. Museu Nacional – UFRJ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Dissertação. Rio de Janeiro, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo.** In: -Revista de Antropologia, Vol. 39, nº1. São Paulo: USP, 1996.

PANOSSO, Carlos Eduardo. **Energia vital e socioambiente:** Interfaces entre o pensamento ocidental e a cosmologia indígena – O caso Javaé. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Tocantins. Programa de Pós Graduação em Ciências do Ambiente. Palmas, 2010.

PRADO, Antonio Carlos Moraes. **O corpo lúdico versus globalização no Esporte.** SESC - Pinheiros, São Paulo, Brasil. In: Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.20, p.197-99, suplemento n.5. set. 2006.

REICHEL-DOLMATOFF, G. 1976. **Amazonian Cosmos. The Sexual and Religious Symbolism of the Tukano Indians.** Chicago: The University of Chicago Press.
Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000085&pid=S0104-9313199800010000200029&lng=en>

ROCHA, Ana Luíza C. da. **Antropologia das formas sensíveis:** entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. In: *Horizontes Antropológicos*, Antropologia Visual, Ano I, vol 2, 1995. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a08.pdf>>

RODRIGUEZ, Diogo Antônio. Onda Verde. **Vida Simples.** São Paulo, ed. 116, ano 10, n 3, p. 47-51, março de 2012.

ROHDE, Geraldo Mário. **Mudanças de Paradigma e Desenvolvimento Sustentado.** In CAVALCANTE, Clóvis (org) - *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*- 4. ed. – São Paulo: Cortez/ Recife-PE/ Fundação Joaquim Nabuco, 2003.

SILVEIRA, Flávio. **Pelas Trilhas da Ilha de SC: ecoturismo e aventura.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 1996.

SIMMEL, G. **A Metrópole e a Vida Mental.** In: Velho, Otávio Guilherme (org.) *O Fenômeno Urbano*, 4ª Edição da Zahar Editores, Biblioteca de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil, 1979.

SOUZA, Ana Maria A. de. **“Evoluindo”:** Mulheres surfistas na praia mole e barra da lagoa. 2003. 163p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2003.

TAVARES; IRVING, Fred; Marta. **Do Biopoder ao Ecopoder: Um Olhar Sobre o Consumo Verde Através dos Conceitos de Rizoma e Sociedade de Controle.** In: V Encontro Nacional da Anppas 4 a 7 de outubro de 2010 Florianópolis - SC – Brasil. 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT13-316-230-20100901151130.pdf>>

TORRES, Guilherme. **A produção imaginária dos surfistas de Town in.** In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2007. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_274.pdf> Acesso em: 18 de setembro de 2011.

TRAVANCAS; FARIAS, Isabel e Patrícia (orgs.). **Antropologia e Comunicação.** Rio de Janeiro: Garamond, 2003. VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica** – 8. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VARGAS, Eduardo Viana. **Uso de drogas:** a alteração como evento. Rev. Antropol. vol.49 no. 2 São Paulo July/Dec. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012006000200003>>

VELHO, Gilberto. **„Observando o familiar“.** cap. 9 In: Individualismo e Cultura. RJ: Jorge Zahar. 1987

_____. **Individualismo e Cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2003.

VELHO, Otávio. **De Bateson a Ingold:** Passos na constituição de um paradigma ecológico. In: MANA 7(2):133-140, 2001.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.** *Mana*, 2(2):115-144. 1996.

_____. **Nativo Relativo**, In: *Mana*, abr, vol.8, no.1, p.113-148. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

WEDY. Lia Mara et. al. **A desconstrução do espaço na Lagoa da Conceição** – uma análise dos danos ambientais com base em instrumento jurídico. Artigo. In: RACE, Unoesc, v. 7, n. 2, p. 199-214, jul./dez. 2008.

ZIMMERMANN, Ana Cristina. **Atividades de aventura e qualidade de vida.** Um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na Ilha de Santa Catarina. In: Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 93 - Febrero de 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS NOTAS E ANEXOS

Glossário – Disponível em: <<http://www.nnsurf.kit.net/dicionario.html>> Acesso em: 25/09/2011.

Mapa 01 – Disponível em: <<http://www.apartamentosecampinglagoa.com.br/index.php?link=distancias>>. Acesso em 12/01/2012.

ARAÚJO, Adalice Maria de. **Mito e Magia na Arte Catarinense**. Tese ao Concurso de professor titular. Disciplina História da Arte. Setor Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Educação e Cultura. Coleção de Cultura Catarinense. 1ª edição: Curitiba, 1997.

INÁCIO, H. L. D. et al. **Bastidores das práticas de aventura na natureza**. In: Práticas corporais/ Ana Márcia Silva, Iara Regina Damiani (orgs.) – Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 3v. : il. 212p. 2005.

MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos: Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2003.

MOTTA, Flávia de Mattos. **Gênero e reciprocidade: uma Ilha no Sul do Brasil**. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

NERY, Paulo Roberto Albieri. **Viagem, passeio e turismo: estudo comparado do deslocamento como valor**. Tese de Doutorado. Museu Nacional – UFRJ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Dissertação. Rio de Janeiro, 1998.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. Ed. Brasiliense, 1986.

RIAL, Carmen S. **Mar de dentro: A transformação do espaço rural na Lagoa da Conceição**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Antropologia. Porto Alegre, 1988.

SOUZA, Ana Maria A. de. **“Evoluindo”**: Mulheres surfistas na praia mole e barra da lagoa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2003.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. In: RAP Rio de Janeiro 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006.